



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PRÓ-REITORIA DE PESQ  
UISA E PÓSGRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES  
NA AMAZONIA - PPGLSA**

**JOCÉLIO JORGE MÁCOLA RENTE**

**A DINÂMICA DAS MARÉS E SUA INFLUÊNCIA NO  
COTIDIANO DA ESCOLA DO CAMPO: Considerações sobre a  
organização escolar da U.P. São José na Ilha Grande-Belém/PA.**

Bragança/PA  
2017

**JOCÉLIO JORGE MÁCOLA RENTE**

**A DINÂMICA DAS MARÉS E SUA INFLUÊNCIA NO  
COTIDIANO DA ESCOLA DO CAMPO: Considerações sobre a  
organização escolar da U.P. São José na Ilha Grande-Belém/PA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia, vinculado à Linha de Pesquisa: Memória e Saberes Interculturais, da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Georgina Negrão Kalife Cordeiro como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Bragança/PA  
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFPA

---

R422d Rente, Jocélio Jorge Mácola

A dinâmica das marés e sua influência no cotidiano da escola do campo: considerações sobre a organização da escola da U. P. São José na Ilha Grande-Belém (PA) / Jocélio Jorge Mácola Rente — Bragança, 2017.

73 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Georgina Negrão Kalife Cordeiro

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Pará, Pró-Reitoria de pesquisa e Pós-Graduação, Campus Universitário de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – Bragança, 2017.

1. Memória. 2. Educação do Campo. 3. Populações ribeirinhas. I.  
Título.

CDD: 304.2098115

---

**JOCÉLIO JORGE MÁCOLA RENTE**

**A DINÂMICA DAS MARÉS E SUA INFLUÊNCIA NO  
COTIDIANO DA ESCOLA DO CAMPO: Considerações sobre a  
organização escolar da U.P. São José na Ilha Grande-Belém/PA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia, vinculado à Linha de Pesquisa: Memória e Saberes Interculturais, da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Georgina Negrão Kalife Cordeiro como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Banca Examinadora:

---

Dr<sup>a</sup> Georgina Negrão Kalife Cordeiro – UFPA (Orientadora)

---

Dr. Samuel Pereira Campos – UEPA (Membro Externo)

---

Dr. Salomão Antonio Mufarrege Hage – UFPA (Examinador Interno)

Belém (PA), 21 de agosto de  
2017.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores (as) do PPLSA – UFPA/Bragança, por trazerem à luz tantas reflexões importantes a minha formação acadêmica e para vida toda.

A todos as pessoas com as quais mantive durante a pesquisa uma relação de amizade, diálogo e respeito, que são fundamentais na interação com o outro e tornaram possível essa dissertação.

## DEDICATÓRIA

A Andrea Cozi, que como boa contadora de histórias me incentivou a continuar nessa travessia.

“As palavras deslizavam na fala ondulante do rio

Contando histórias ouvidas dos velhos canoeiros [...]”

João de Jesus Paes Loureiro

A Professora Georgina, por não ter desistido de mim.

Nada me garante que minha análise não se situe em um nível inteiramente diferente, constituindo uma descrição irreduzível à epistemologia ou à história das ciências. Será ainda possível que, ao fim de tal empresa, não se recuperem essas unidades mantidas em suspenso por zelo metodológico (...) O perigo, em suma, é que em lugar de dar fundamento ao que já existe, em lugar de reforçar com traços cheios linhas esboçadas, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrinhado e na direção de um final que não é fácil prever.

Michel Foucault

Arqueologia do Saber.

O rio-em-si não é nem bom nem mau.  
É rio.  
E sendo rio  
Inunda e seca,  
pois, inundar e secar  
é o ser do rio  
e sua incons/ciência de si mesmo.

João de Jesus Paes Loureiro  
Poema do Livro Porantim

## RESUMO

RENTE, Jocélio Jorge Mácola. A DINÂMICA DAS MARÉS E SUA INFLUÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA DO CAMPO: Considerações sobre a organização escolar da U.P. São José na Ilha Grande-Belém/PA, 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará – Bragança, 2016.

O trabalho apresentado é parte da pesquisa vinculada ao curso em Linguagens e Saberes na Amazônia do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, na linha de pesquisa: Memória e Saberes Interculturais, na qual investigo a relação entre a dinâmica das marés e o transporte dos alunos que estudam na Unidade Pedagógica São José por meio da narrativa dos barqueiros que fazem a travessia entre as ilhas vizinhas e a Ilha Grande e de outros sujeitos desse estudo, tais como: uma professora da unidade pedagógica e da coordenadora da Educação do Campo na SEMEC, tendo como problemáticas os questionamentos: de que forma podemos articular os saberes de populações tradicionais ribeirinhas com a escola? E como articular esses saberes com a Educação do Campo? O Objetivo Geral da pesquisa centrou-se em ouvir os saberes expressos nas narrativas orais dos barqueiros da Ilha Grande e como esses saberes são articulados na organização da escola. Como metodologia, adotou-se a abordagem qualitativa, tendo como método de pesquisa para a coleta de dados: a história oral por meio da técnica da entrevista narrativa. Os Referenciais Teóricos que embasaram os estudos foram coletados nas obras de: Le Goff (1992), Bossi (1994), Bachelard (1998), Halbwachs (2006), Ricœur (2007), Thompson (1992), Geertz (1997), Paulo Freire (2015), Brandão (2003), Santos (2006), entre outros que corroboraram com esse trabalho. Os dados obtidos no decorrer da pesquisa, apontam para a existência de tensões entre a SEMEC e as relações de trabalho dos barqueiros que prestam serviço no transporte dos alunos até a unidade pedagógica da Ilha Grande com as atividades realizadas por professores e funcionários, por entenderem que o que determina o funcionamento da escola é a dinâmica das marés.

**Palavras-chave:** Memória – Educação do Campo - Populações Ribeirinhas



## ABSTRACT

RENTE, Jocélio Jorge Mácola. THE DYNAMICS OF THE TIDE AND THEIR INFLUENCE IN THE DAILY SCHOOL OF THE FIELD: Considerations about the school organization of the U.P. São José in Ilha Grande-Belém / PA, 2016. Dissertation (Master degree) - Federal University of Pará - Bragança, 2016.

The present work is part of the research linked to the course in Languages and Knowledge in the Amazon of the Post-Graduation Program of the Federal University of Pará, in the line of research: Memory and Intercultural Knowledge, in which I investigate the relationship between tidal dynamics and transportation of the students who study at the São José Pedagogical Unit through the narrative of the boatmen who cross the neighboring islands and the Ilha Grande and other subjects of this study, such as: a teacher of the pedagogical unit and the coordinator of Field Education in SEMEC, having as problematic the questions: in what way can we articulate the knowledge of traditional riverside populations with the school? And how to articulate these knowledge with the Field Education? The General Objective of the research focused on listening to the knowledge expressed in the oral narratives of Ilha Grande boatmen and how these knowledges are articulated in the organization of the school. As a methodology, the qualitative approach was adopted, using as a research method for data collection: oral history through the technique of narrative interview. The theoretical references that supported the studies were: Le Goff (1992), Bossi (1994), Bachelard (1998), Halbwachs (2006), Ricœur (2007), Thompson (1992), Geertz Freire (2015), Brandão (2003), Santos (2006), among others that corroborated this work. The data obtained in the course of the research point to the existence of tensions between the SEMEC and the working relations of the boatmen who provide service in the transportation of the students to the pedagogical unit of Ilha Grande with the activities carried out by teachers and employees, what determines the functioning of the school is the dynamics of the tides.

**Key words:** Memory - Field Education - Ribeirinha Populations

## ÍNDICE DE IMAGENS E ILUSTRAÇÕES

Ressalto que as imagens utilizadas na dissertação fazem parte da tessitura narrativa, sendo assim, não foram colocadas legendas. Para tal, faço uso deste índice para apontar minha autoria implícita em relação às fotografias tiradas durante a pesquisa de campo. Apenas as imagens de terceiros serão indicadas de acordo com a fonte dentro do texto.

Figura 01: Imagem do Mapa da Região Hidrográfica Amazônica.....	33
Figura 02: Imagem do Mapa da Região Metropolitana de Belém.....	37
Figura 03 – Lua Cheia (marés vivas) .....	40
Figura 04 – Lua Nova (marés vivas) .....	41
Figura 05 – Quarto Minguante (marés mortas) .....	41
Figura 06 – Quarto Crescente (marés mortas) .....	42
Figura 07 – Imagem do mapa da Região Metropolitana de Belém .....	43
Figura 08 – Foto de embarcação “pôpôpô” .....	45
Figura 09 – Foto de embarcação “rabeta” .....	45
Figura 10 - Foto de trapiche com tronco de árvore.....	46
Figura 11 – Foto do trapiche da U.P. São José.....	47
Figura 12 – Foto do Centro Comunitário.....	47
Figura 13 – Foto da entrada do furo da Paciência.....	49
Figura 14 – Foto do Sr. Nonato .....	52

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANA	Agência Nacional de Águas
CNE	Conselho Nacional de Educação
CEB	Câmara da Educação Básica
COEC	Coordenação de Educação do Campo
CODEM	Companhia de Desenvolvimento Administração da Área Metropolitana de Belém
CNE	Conselho Nacional de Educação
DIED	Diretoria de Ensino
FUNBOSQUE	Fundação Escola Bosque
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NIED	Núcleo de Informática Educativa
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém
SISMUB	Sistema Municipal de Bibliotecas Escolares
U.P.	Unidade Pedagógica

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1. CAPÍTULO I: LÍQUIDAS LEMBRANÇAS: O CONTEXTO E A METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>15</b>
1.1 A Travessia – da vida para o interesse de pesquisa.....	15
1.2 Múltiplos Saberes, diferentes chãos.....	21
1.3 Os caminhos da pesquisa.....	25
<b>2. CAPÍTULO II: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL.....</b>	<b>28</b>
2.1 Memoriando a vida – fazer viver.....	28
2.2 A história oral – origens e princípios.....	30
<b>3. CAPÍTULO III: BELÉM DAS ÁGUAS.....</b>	<b>33</b>
3.1 A Projeção dos rios no contexto amazônico.....	33
3.2 Cartografia Ribeirinha.....	34
3.3 A Ilha Paulo da Cunha Grande.....	39
3.4 A pesquisa em uma comunidade ribeirinha.....	40
3.5 Entre idas e vindas: o cotidiano dos barqueiros.....	42
<b>4. CAPÍTULO IV: ENTRE MARGENS.....</b>	<b>51</b>
4.1 O Rio.....	51
4.2 O rural e o urbano entrelaçados.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A escola é o espaço de muitas descobertas, bem como de promoção das transformações coletivas e individuais, embora também possa servir para sustentar e reproduzir as relações de tensão que ocorrem na sociedade capitalista. Não nos esqueçamos que em torno da escola convivem sujeitos com diferentes visões de mundo e que é esse convívio que faz dela uma instituição complexa e contraditória. Mas acreditamos que é na tensão de contrários que se deve fomentar a conquista de ferramentas para a construção da cidadania plena por meio da educação, do voto e da participação nos movimentos sociais, que lutam pela garantia de direitos e pelo princípio ético do bem comum. Princípio este que está no respeito ao outro e na apropriação de diferentes saberes que estão sendo debatidos no âmbito acadêmico, no campo, nas escolas, por pessoas interessadas em promover mudanças de comportamento frente ao conhecimento já produzido e que se tornou insuficiente para minimizar o caos social no qual nos encontramos.

Desse modo, buscamos um paradigma que valorize a pluralidade de saberes, como nos mostra as contribuições da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2015), a Ecologia de Saberes de Boaventura de Sousa Santos (2006), A educação como Cultura de Carlos Brandão (2002) entre outros, que nos conduza a busca de um conhecimento intercultural que esteja de acordo com a realidade do nosso povo. Inicialmente, com base em reflexões desses autores, o objeto de estudo foi pautado no seguinte questionamento: de que forma os saberes expressos nas narrativas de barqueiros sobre a dinâmica das marés podem ser articulados as atividades escolares desenvolvidas na unidade pedagógica da Ilha Grande?

A pesquisa foi norteada pelos seguintes passos: (1) Levantamento bibliográfico para fundamentação teórica acerca da memória, história oral, cultura, educação entre outros; (2) Levantamento documental sobre a Ilha Paulo da Cunha Grande; (3) Solicitação a SEMEC para o trabalho de pesquisa de campo; (4) Entrevistas e Transcrição das mesmas; (5) Inventário das narrativas orais dos barqueiros; (6) O Percurso Metodológico da pesquisa centrou-se na comunidade da Ilha Grande-Belém (PA), para o qual utilizou-se a observação participante enquanto norteadora à realização da mesma.

Sendo de inspiração etnográfica, levou-se em conta a relação dialógica entre aquele que pesquisa e os sujeitos pesquisados. O lócus de estudo<sup>1</sup> teve como motivo principal a relação de trabalho entre os funcionários que atuam na escola com os barqueiros que fazem o transporte dos alunos da unidade pedagógica São José, uma vez que é imprescindível as orientações diárias desses condutores sobre o melhor momento da travessia pelo rio.

Desse modo, conhecer a dinâmica das marés passou a ter significativa importância aos trabalhos realizados na escola, uma vez que é essa dinâmica que determina o ritmo das atividades realizadas nela, tanto na entrada e como saída de alunos e funcionários. Como afirma Geertz, é bem verdade que esse saber [...] não é transmitido através de qualquer ensino sistemático [...] e sim passado de geração a outra, de uma forma lenta e casual (GEERTZ, 1989, p. 121). É nessa perspectiva que esse trabalho procura articular uma proposta de trabalho que leve em conta os fenômenos naturais presentes na região amazônica com o calendário escolar proposto pela SEMEC-Belém, afim de atender as peculiaridades das comunidades ribeirinhas que vivem à margem dos rios.

A pesquisa foi norteada pelos seguintes questionamentos:

a) Como as narrativas orais podem mediar os saberes tradicionais com a escola?

b) É possível estabelecer o diálogo entre os saberes dos barqueiros da Ilha Grande com os trabalhos dos (as) professores (as) e do (a) coordenador (a) realizados na unidade pedagógica?

A partir da identificação do objeto de estudo e das questões norteadoras, o objetivo geral da pesquisa centrou-se em ouvir os saberes expressos nas narrativas orais dos barqueiros da Ilha Grande, enquanto que os objetivos específicos são:

a) Identificar os saberes dos barqueiros acerca da dinâmica das marés;

b) Registrar os saberes tradicionais dos barqueiros;

c) Articular os saberes tradicionais com a organização escolar.

As considerações apresentadas são focadas na relação de trabalho vivenciadas pelos barqueiros que transitam entre os rios, furos e igarapés de Belém

---

<sup>1</sup> A Ilha Paulo da Cunha Grande, mais conhecida como Ilha Grande, está situada a uma distância de 12.2 km da área urbana de Belém, a travessia ocorre em média 40 minutos, dependendo da maré.

sobre as várias condições da maré para assegurar o transporte de alunos, professores e demais funcionários com o cotidiano da escola. Segundo Cozzi,

Ao aportarmos na instituição escolar, necessitamos haurir as discussões acerca das relações estabelecidas entre os saberes locais e as práticas educativas, compreendendo que não podemos desvincular os processos educativos e culturais, pois ambos são fios que compõem a mesma teia, a da vida. (COZZI, 2015, p. 23).

Para o embasamento teórico desse estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas nas obras de Le Goff (1992), Bosi (1994), Bachelard (1998), Halbwachs (2006), Thompson (1992), Geertz (1997), Paulo Freire (2015), Brandão (2003), Santos (2006), entre outros que podem contribuir com a construção das discussões pretendidas nesse trabalho. A revisão bibliográfica (estado da arte) foi realizada no acervo de publicações acadêmicas, disponíveis no site do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará – PPGED/UFPA (Disponível em: <http://www.ppgde.belemvirtual.com.br> – Acesso em, 16/03/2016) e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – PPGDE/UEPA (Disponível em [www.page.uepa.br/mestradoeducacao](http://www.page.uepa.br/mestradoeducacao) - Acesso em, 17/03/2016) nos quais foram identificados os seguintes trabalhos:

Na UFPA, foram pesquisadas cinco publicações, relacionadas a temática que tratam sobre: saberes, cartografia, educação ribeirinha e currículo:

1. Populações ribeirinhas e educação do campo: análise das diretrizes educacionais do município de Belém-PA, no período de 2005-2012 (SANTOS, 2014);
2. Cartografia da educação na Amazônia rural ribeirinha: estudo do currículo, imagens, saberes e identidade em uma escola do Município de Breves/Pará (CRISTO, 2007);
3. Currículo e seus significados para os sujeitos de uma escola ribeirinha multisseriada do Município de Cametá (PINHEIRO, 2011);
4. Saberes Culturais e modos de vida de ribeirinhos e sua relação com o currículo escolar: um estudo no município de Breves/PA (LIMA, 2011);
5. Saberes ribeirinhos quilombolas e sua relação com a educação de jovens e adultos da comunidade de São João do Médio Itacuruçá, Abaetetuba/PA (CARDOSO, 2012);

6. Cidade nas águas – Um estudo do imaginário em Salvaterra-PA (PEIXOTO, 2014).

Na UEPA, por ser aluno do curso de Filosofia pelo Programa de Formação de Professores – PARFOR, tive a possibilidade de participar como ouvinte das aulas da disciplina Cultura, saberes e imaginário na educação amazônica, que “visa desenvolver estudos e pesquisas sobre construções imagéticas e identidades culturais brasileira, focando interfaces com saberes e as práticas da educação na Amazônia”, que me possibilitaram o estudo e discussão dos textos indicados no conteúdo programático, além das inserções em seis das publicações que abordam assuntos referentes a cartografia, práticas educativas e saberes locais:

1. Cartografia de saberes nas práticas educativas cotidianas do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra – MST na Amazônia paraense (LIMA, 2007);
2. Entre o rio e a rua: Cartografia de saberes artístico-culturais emergentes das práticas educativas na ilha de Caratateua, Belém do Pará (SANTOS, 2007);
3. Vozes e olhares que Mur[u]Mur[u]jam na Amazônia: cartografia de saberes quilombolas (VALENTIM, 2008);
4. Narrativas orais na comunidade remanescente de quilombo Menino Jesus: processos de educação e memória (PADILHA, 2009);
5. Relações entre práticas educativas, saber ambiental-territorial ribeirinho e o desenvolvimento local (PERPÉTUO, 2012).
6. Tessituras Poéticas: Educação, Memória e Saberes em Narrativas da Ilha Grande/Belém-Pará (COZZI, 2015)

As leituras não se esgotam nessas obras, mas elas revelam que, não existe um modelo único de educação, o processo educativo ocorre no momento em que o aprendente observa, imita e entende o que está sendo transmitido, havendo também a troca de conhecimento com aquele a quem se educa o que pode ocorrer em todos os espaços de aprendizagem e de várias maneiras.

Desse modo, ao refletir sobre o conceito de educação, cuja origem latina, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras é *educatio* (NASCENTES, 1988, p. 219), vai além do sentido de instrução, significando também desenvolvimento das potencialidades da formação do ser humano. Com base na definição de Brandão (2017), este nos esclarece que educação é todo



conhecimento adquirido com a vivência em sociedade, seja ela qual for. Sendo assim, o ato educacional ocorre nos mais variados espaços de socialização do conhecimento. Segundo Brandão,

[...] educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino passam a ser, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo (BRANDÃO, 2002).

Contudo, a educação é um fenômeno bastante complexo, que se desenvolve no processo que ocorre sobre influência da família, dos grupos sociais, da cultura e de diferentes instituições, atribuindo à ação educativa uma perspectiva interdisciplinar, essencial à existência humana tanto no âmbito histórico-social, como na produção do saber, uma vez que, como afirma Severino, “o modo de existir humano não pode prescindir da contínua e sempre crescente contribuição do conhecimento” (SEVERINO, 1995, p. 161).

Com base nesse arcabouço teórico, referenciado por esses e outros autores, poderemos desenvolver uma educação com o compromisso de formar cidadãos críticos e reflexivos de sua ação, tendo no diálogo a efetivação do princípio universal da dignidade humana – o Bem comum. Nesse sentido, organizamos esta dissertação em quatro capítulos, visando dar conta de responder a pergunta estabelecida e, também, cumprir os objetivos almejados.

No Capítulo I, faço um mergulho nas recordações de infância, trazendo à tona as *Líquidas Lembranças: O contexto e a metodologia da pesquisa*, por meio da qual situo a memória como uma evocação do passado (CHAUI, 1997) e dos episódios que influenciaram minha chegada e partida por diferentes portos e lugares, nos quais desenvolvo minha prática docente e me motivaram na travessia até a ilha e dela ao mestrado, auxiliando-me na escolha do tema e em todos os passos no processo da pesquisa;

No Capítulo II, *Memória e História Oral*, a memória é tratada como o fio condutor por meio do qual nos transportamos de um tempo a outro em busca das reminiscências que alimentam nossa existência de emoções, para Bosi: A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças (BOSI, 2006, p.53). Desse modo, os gregos antigos a tornaram divina, personificada como *Mnemosine*

por manter viva as experiências de várias gerações, revelando ao poeta “mestres da verdade” os segredos do passado, cuja poesia “escrita na memória”, é para Homero, a essência de sua criatividade ao afirmar que “versejar era lembrar” (LE GOFF, 1992, p. 401). E as narrativas por meio da História Oral, revelam nossas memórias.

O Capítulo III, *Belém das Águas*, apresenta um estudo sobre o estuário guajarinense e a influência de suas águas na capital paraense com base em nos conjuntos fisiográficos que compõem o Município de Belém [...]. (GUERRA et al, 2006).

O Capítulo IV, *Entre margens*, trata da travessia entre Belém e a Ilha Grande e a perspectiva de interação entre o espaço rural e urbano por meio de trocas materiais e simbólicas entre esses espaços.

Nos utilizaremos desses quatro capítulos que servirão como ponte entre a chegada e partida aos diferentes chãos nos quais se revelam múltiplos saberes.

Convido-os a embarcar para essa travessia entre margens, que será feita pela ponte das relações entre cultura e educação, de que fala Brandão (2002), ao afirmar que uma das lembranças porventura mais importantes aqui deve ser a de que mais do que seres “morais” ou “racionais”, nós somos seres aprendentes. Esse é o processo indispensável a construção de uma educação que dará visibilidade as populações ribeirinhas da ilha Grande, nos tornando sujeitos capazes de entender e explicar o mundo por meio de diferentes visões.



“A ponte nem tem que sair do lugar  
A ponte pra onde quiser  
A ponte é o abraço do braço do mar  
Com a mão da maré  
A ponte não é para ir nem pra voltar  
A ponte é somente pra atravessar  
Caminhar sobre as águas desse momento”  
A ponte – Lenine

## CAPÍTULO I - LÍQUIDAS LEMBRANÇAS: O CONTEXTO E A METODOLOGIA DA PESQUISA

“Quando amamos uma realidade com toda a nossa alma, é porque essa realidade é já uma alma, é porque essa realidade é uma lembrança”

Bachelard

Como na poética de Paulo André e Ruy Barata: “Esse rio é minha rua (...)”, navegarei por algum tempo pelos líquidos caminhos que me conduzirão a outras margens. Enquanto a proa do barco risca as águas entre o porto em Belém e a Ilha Grande, minha memória é encharcada pelas lembranças adormecidas pelo tempo. É nesse passado que agora se revela tão nítido diante da retina fixa no horizonte que as imagens de líquidas lembranças borbulham como as desse rio a percorrer meu ser. Aos poucos, essas lembranças inundam minha memória e compõem essas páginas como as águas trazem os fluídos orgânicos que nutrem o leito de um rio e me fazem transformar minhas memórias e a vida à beira de um igarapé em meu interesse e contexto de pesquisa.

### 1.1. A Travessia: da vida para o interesse de pesquisa

A travessia até a ilha, me transporta de uma margem a outra, de um tempo a outro esse instalado na memória, como nos diz Santo Agostinho (2015) “É lá que me encontro a mim mesmo” e, ao transpor esse portal imaginário, chego à antiga casa da minha avó materna, feita com tábuas fortes e caiadas de branco para resistirem ao tempo com a nobreza de quem, humildemente, suportou o corte do formão e a perfuração dos pregos para abrigar o lar de nossa família. Como bem exposto por Bossi

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto. Para enxergar as coisas nas suas antigas proporções, como posso tornar-me de novo criança? (BOSSI, 2006, p. 435).

A casa é cercada por cursos d'águas. Na frente o do rio Igarapé Mirim, que banha a cidade de mesmo nome e atrás, no quintal, um igarapé, onde havia um

trapiche com uma ponte, que se estendia até a cancela da porta. Minha avó passava o dia entre o quintal e a cozinha, cuidando dos afazeres domésticos e enquanto lavava as louças, preparava os alimentos, espiava pela janela que se debruçava sobre o jirau, tudo que se passava atrás da casa: as roupas no varal, a criação, as árvores e os netos que durante as férias de julho enchiam esse ambiente com as alegrias da infância. Logo ao acordar, eu e meus primos íamos para o quintal, esse ambiente era o preferido para nossas brincadeiras. O pequeno trapiche parecia escorado por uma velha seringueira e na trama de suas raízes nos divertíamos caçando minhocas para pescar.

O igarapé parecia enorme e ameaçador diante da nossa falta de habilidade com o nado e quando começava a encher suas águas escorriam lentamente sobre a lama do seu leito trazendo touceiras de mururés que logo ornavam com suas flores azuis a superfície. Aguardávamos ansiosos sua enchente e quando a água chegava ao degrau mais alto da escada do trapiche, o convite estava feito ao banho, a pescaria, ao passeio de casco. A ânsia de pular em suas águas, mergulhar, flutuar agitando braços e pernas nos motivavam a aprender a nadar. Foi nele, que pelas mãos generosas da minha mãe, aprendi, pela segunda vez, a me soltar - na primeira, para os passos no aprendizado de andar, sem me deixar cair e na segunda para flutuar na água não me deixando afundar. Suas mãos me deram a certeza de eu que nunca estaria sozinho nas travessias da vida.

E, por estar tão próximo, o igarapé era a todo instante visitado para lavagem de roupas, para o banho, para o transporte de canoa, ou simplesmente para ficarmos sentados no banco do trapiche ouvindo os “causos” que minha avó contava. Hoje tenho certeza que por traz daquela testa franzida e enrugada ela se divertia com nossas risadas. Um igarapé tem características diferentes de outros volumes d’água. Ele não possui a profundidade e correnteza dos rios, nem a imensidão do mar, as águas que chegam até ele correm bravamente do rio para o mar. Depois desse longo percurso, suas águas fatigadas do açoite do vento, do embate com as rochas, das corredeiras sinuosas, da queda das cachoeiras, descansam serenas à sombra da floresta.

Essas memórias me lembram o poema “O igarapé”, de João de Jesus Paes Loureiro, no qual o poeta sintetiza o conhecimento do caboclo amazônida e apura sua cultura com sensibilidade, como alguém que traz em si esse saber.

O igarapé chega a seus confins submersos sem estrondos, com sua tímida lamúria e o leve cantar da brisa no frágil pentagrama de capins.

Tão diferentes do mar. O mar se exhibe sem limites a rugir imenso em sua juba azul. Orquestra coral de signos regida pela lua, pelo sol e pela tempestade.

A qual dos dois Deus acolherá no colo com maior ternura, como um avô cansado com seus netinhos? (LOUREIRO, 2008, p. 47).

Desse modo, os igarapés estão sempre prontos a nos oferecer suas águas serenas e nos inundar de alegrias. No quintal da vovó, brincávamos sozinhos, sob seu olhar vigilante, que do jirau nos observava. Ao rio só podíamos ir acompanhados por um adulto, para que não fossemos levados pela correnteza e desaparecer em águas profundas, banhando de lágrimas a tristeza de quem perde um parente afogado. Dentro da casa, outros líquidos estavam presentes: o querosene que abastecia as lamparinas durante a noite, quando o gerador da usina de energia a óleo diesel era desligado as 23 horas; a água no pote e nas noites de chuva o barulho dos pingos no telhado. Um ambiente perfeito para embalar o sono de tios e primos nas redes atadas pela casa. E por ser um período de férias, era um tempo marcado pelo acordar e despertar, longe do calendário e do relógio. Apenas a hora da cesta dos adultos era respeitada quando minha avó dizia: - “Quietem meninos, o tio de vocês está descansando!”. E aí de quem não obedecesse... O silêncio se fazia absoluto por toda casa: calavam-se os risos, quietavam as correrias, cessava o arrastar do chinelo no assoalho polido por muitos passos.

Nesse momento em que a caneta pende sobre o papel, observo minha mãe acompanhando a missa pela televisão e nela vejo como que projetado em uma tela essas imagens “Da minha infância querida. Que os anos não trazem mais” (Casimiro de Abreu), em um esforço vão de querer reter e guardar o tempo que se foi (CHAUI, 1997, p. 125). A casa é o ambiente que nos permite conviver em família e nessa convivência está a essência de relação e respeito entre nós e os outros.

Mãe e vó são para os filhos o porto seguro do nosso ir e vir. Ambas dão origem aos elementos líquidos que nos nutrem do ventre a fonte: o sangue, o leite, a água. Encontramos em Bachelar a síntese dessa relação “o amor filial é o primeiro princípio ativo da projeção das imagens, é a força propulsora da imaginação, força inesgotável que se apossa de todas as imagens para colocá-las na perspectiva humana mais segura: a perspectiva materna” (BACHELAR, 1998, p.120). O elemento água tem essa importância vital. É ele que alimenta minha memória de lembranças, como o lírio se nutre do lodo, para surgir alvo e perfumado na margem do lago.

Essas lembranças de infância que busco na memória, umedecem meus olhos e as palavras com as quais vou tecendo esse texto e, aos poucos, me dou conta que todos os meus caminhos me levam para junto d'água - "Andei por andar, andei. E todo caminho deu no mar (...)" Dorival Caymmi.

A travessia entre as lembranças pessoais e a pesquisa foram aos poucos se estruturando ao resgatar vestígios do passado que se articularam teoricamente com o interesse pela temática em questão. Segundo Assmann, [...] O vestígio textual não apenas acompanha o pensamento, ele também se antecipa a ele como um sinal, uma ativação, uma instrução (ASSMANN, 2011, p. 228).

Desse modo, o presente trabalho reúne uma seleção de poemas, canções e textos que abordam o elemento líquido e servem de inspiração para que a travessia ocorra por meio do estudo das obras acadêmicas de autores que me auxiliam na compreensão de outras possibilidades de conhecimento. Para tornar mais acessível essa relação, todo esse repertório está combinado a minha trajetória de vida e ajudam na fluidez das lembranças ao estabelecer um diálogo com os sujeitos que guardam na memória a sua tradição cultural, tornado possível a preservação de suas experiências de vida.

No entanto, indo de encontro a correnteza do rio do esquecimento da mitologia grega, como referenciado por Platão e Aristóteles em suas reflexões sobre a memória, Assmann no seu estudo dos espaços da recordação, nos esclarece que

[...] Via de regra, os líquidos não são aptos a vestígios, por exemplo, porque neles as superfícies voltam a ficar lisas automaticamente e os orifícios se preenchem e se fecham. Por isso a correnteza do Lete se tornou a principal metáfora do esquecimento (ASSMANN, 2011, p. 227).

Nesse contexto, a força de rememoração ativa sensações experimentadas desde a infância que se perdem ao longo de nossa existência, mas que se conservam por diversas formas de preservação na memória de forma coletiva. Nesse contexto, a pesquisa aguçou o meu interesse em estabelecer um elo entre memória e saber afim de preservar o conhecimento por meio do diálogo com os barqueiros.

Aos poucos, fui percebendo nas narrativas, ricas em experiências de vida, que elas têm muito a nos oferecer, fazendo-me compreender que o diálogo constante com esses sujeitos é indispensável ao trabalho, dentro e fora da escola, como nos esclarece Cozzi

O diálogo feito entre a escola e a cultura expressa na dinâmica de vida dos moradores da ilha, através da oralidade, nos incita a percorrer os caminhos para os ensaios do contorno do mapa da Ilha Grande, que nos mostrará os processos educativos através das narrativas orais imersas nas práticas cotidianas dos amazônidas que ficam a margem da escola.” (COZZI,2015, p. 20).

No início, do meu trabalho na unidade pedagógica, o desconhecimento sobre a dinâmica das marés causou-me resistência as recomendações dos barqueiros, uma vez que eu deveria cumprir a carga horária de permanência das crianças e funcionários na unidade como é determinado pela SEMEC. Mas, a experiência dos barqueiros me fez perceber que eu não deveria negligenciar suas advertências com relação a experiência que eles possuem em saber qual o tempo propício para a travessia, sem enfrentar os efeitos climáticos. Esse saber é determinante para o funcionamento dos trabalhos, uma vez que é a dinâmica das marés que ditam o ritmo de funcionamento das atividades e a permanência dos alunos na escola.

Assim, as vozes desses sujeitos foram tomando força e me fizeram compreender essa realidade que tem interferência direta no percurso entre a unidade e a casa dos alunos. Esse saber tornou-se fundamental na realização das atividades na escola, tais como: o cuidado em acompanhar as crianças até o desembarque no porto de suas casas, me possibilitaram conhecer a dinâmica das marés por meio do diálogo com os barqueiros para que eu tivesse informações precisas para tomar decisões com relação ao horário de saída dos alunos, nos turnos da manhã e tarde, para que fossem levados com segurança até suas residências e desse modo evitar navegar sob as fortes chuvas, ventos e as intemperes das marés sem pôr em risco a entrega das crianças aos seus pais.

O tempo de trabalho na unidade pedagógica teve curta duração, devido a aprovação no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia – PPLSA da Universidade Federal do Pará – UFPA/campus de Bragança, durante o qual vi a possibilidade de desenvolver estudos por meio dos aportes teóricos e metodológicos nas disciplinas ministradas no curso, principalmente a que está relacionada a educação do campo, temática essa com a qual já havia tido contato nos encontros pedagógicos do SOME, no qual discutíamos um ensino diferenciado do contexto urbano e, mais especificamente, durante minha permanência na equipe da DIED para a efetivação dessa modalidade de ensino nas ilhas sob administração da SEMEC.



Foi por meio dessas observações que o cerne dessa temática foi apresentado como pré-projeto ao mestrado e passou à pesquisa tendo como foco os saberes presentes nessa comunidade ribeirinha. O ponto de partida dessas inquietações deu origem aos seguintes questionamentos: De que forma podemos articular os saberes tradicionais de populações ribeirinhas com os trabalhos realizados nas escolas? E, como articular esses saberes com a educação do campo?

Nesse contexto, as práticas educativas sistematizam o conhecimento, desempenhando um papel preponderante na formação dos sujeitos, uma vez que é pela educação, enquanto ação coletiva que se forma o saber, tornando a escola, o lócus, no qual a prática educativa deve valorizar a diversidade de saberes produzido pela sociedade em diferentes contextos históricos e sociais. Para subsidiar esse entendimento, Paulo Freire (1996, p. 25 *apud* Cozzi, 2015, p. 20), em sua obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, “utiliza o exemplo do velejador para trazer o entendimento da aplicação dos conceitos “saberes” e “práticas educativas”, ao afirmar que, para alguém chegar à prática do velejar, é importante conhecer os saberes envolvidos no ato, como conhecer o barco, o motor, as marés, a posição das velas para receber os ventos etc.

Diante do exposto percebe-se que na prática do velejar, os saberes vão se organizando, sendo confirmados ou modificados. A partir de então, nesse processo dialético, vão legitimando, se constituindo, os saberes necessários às práticas educativas. Os conhecimentos dos saberes alimentam a prática e nos coloca diante de um posicionamento, “Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada” (FREIRE, 1996, p. 107).

No passado, essa transmissão de conhecimentos ocorria oralmente, cabendo aos mais velhos à missão de serem os guardiões dos saberes do grupo sobre o qual exerciam a autoridade de narrar aos mais jovens, às histórias de seus ancestrais. Como afirma Fernandes e Fernandes (2015, p. 132) “o saber narrativo é talvez a principal forma de objetividade de “saberes locais”.

Tudo que se aprendia era transmitido para que se colocassem em prática esse aprendizado. Para Freire (2015), a capacidade de aprender decorre do processo de hominização do ser humano que:

[...]opera-se no momento em que a consciência ganha a dimensão da transcendentalidade. Nesse instante, liberada do meio envolvente,

desapega-se dele, enfrenta-o, num comportamento que a constitui como consciência do mundo. Nesse comportamento, as coisas são objetivada, isto é, significadas e expressadas: o homem as diz. A palavra instaura o mundo do homem. A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, é “práxis”. Assim considerada, a semântica é existência e a palavra viva plenifica-se no trabalho. (FREIRE, 2015, p. 25)

Desse modo, as necessidades surgidas em grupo, suas experiências de sobrevivência ou a busca de bem estar, ocasionaram processos de produção de conhecimentos, construídos individual ou coletivamente e foram lentamente sendo organizados ao longo da história da humanidade. Foi assim que antigas civilizações acumularam seus conhecimentos registrados em pedras, argila, couro, papiros etc. e com isso, aos poucos, formaram o seu patrimônio imaterial até chegar ao que hoje conhecemos como ciência.

Porém, com o passar do tempo, nossa memória foi ficando limitada, devido ao acúmulo de informações, havendo a necessidade de mecanismos que pudessem armazenar os dados aprendidos. O avanço científico tecnológico possibilitou a criação de dispositivos que nos auxiliam a preservar grande quantidade de informações, seja na forma de um livro, pen drive, cartão de memória etc., que estão presentes no nosso cotidiano. Contudo, no bojo desses acontecimentos, algumas sociedades tem um acesso precário a essas tecnologias, necessitando de um olhar que os auxilie no reconhecimento, pesquisa e preservação dessa memória.

## **1.2. Múltiplos saberes, diferentes chãos**

Minha ida até as escolas ribeirinhas das ilhas, se deu por meio de um convite, para conhecer o trabalho realizado pela Secretaria de Educação do Município de Belém – SEMEC com a educação infantil, feito pela coordenadora do Departamento de Educação das Ilhas - DIED, professora Ana Silvia Oliveira. Desse modo, embarquei com a equipe da DIED às Unidades Pedagógicas (UP's) do: Combú, São José e Nazaré para conhecer o ambiente onde é realizado o trabalho docente nesses espaços.

Após essa viagem, veio a proposta para coordenar a U.P. São José, na Ilha Grande. Durante sete meses trabalhando nessa unidade tive a oportunidade de conhecer o funcionamento administrativo e as atividades pedagógicas realizadas nessa comunidade e seu entorno. Desse modo, pude perceber que essas populações

que vivem à margem dos rios no entorno de Belém guardam um modo de vida peculiar, ou seja, a relação com o rio começa desde a infância e se estende por toda vida.

Esse contato me fez descobrir uma realidade tão próxima e, ao mesmo tempo, pouco conhecida pela maioria dos moradores dos bairros centrais da capital paraense que passaram por um violento processo desordenado de urbanização, invisibilizando outros espaços de ocupação na maioria das cidades na Amazônia. Segundo Casto (2006), a cidade representa formas múltiplas [...] de diferenciações que afetam a organização social no seu conjunto. (CASTRO, 2006, p.14).

Ao chegar a ilha Grande, fui apresentado a Sr<sup>a</sup> Maria Luiza Rodrigues Machado, mais conhecida como Dona Quinha, que me relatou sua preocupação com os problemas estruturais na construção de madeira da unidade, tendo sido interdita pelo Ministério Público do Estado do Pará para que se adequasse as recomendações feitas à SEMEC. Ela me contou da sua luta para a conquista daquela escola, da doação que fez a Prefeitura de Belém do terreno para a construção do prédio e da garantia do direito a educação próximo ao local de moradia para que as crianças da ilha Grande e das ilhas vizinhas do Murucutu e Combú não precisassem se deslocar para as escolas no bairro do Guamá.

Esse contato inicial me fez adentrar a vida de outros moradores, que têm ligação direta com a unidade. Isso se deve ao fato da escola ser o centro agregador não só das atividades relacionadas à educação, mas, também, das atividades religiosas, de lazer, políticas, entre outras. Toda essa relação da comunidade com a escola, me fez perceber a disposição dos moradores em participar dos assuntos relacionados não só com a educação dos seus filhos como de outros eventos. Daí, essas conversas terem aguçado minha curiosidade em conhecer os saberes dessa comunidade, levando-me a ouvir, atenciosamente, sobre as atividades que os barqueiros realizam no dia a dia da travessia dos alunos para a escola.

Nesse contexto, as práticas educativas desempenhando um papel preponderante na formação dos sujeitos, uma vez que é pela educação, enquanto ação coletiva que se forma o conhecimento, tornando a escola, o lugar, no qual a prática educativa deve valorizar a diversidade de saberes produzido pela sociedade em diferentes contextos históricos e sociais, bem como possibilitar ao aprendente a capacidade de refletir com autonomia sobre suas escolhas e usar o bom senso diante dessa variedade de opções.

Para subsidiar nosso entendimento, nos valem dos estudos de Fernandes e Fernandes acerca dos conceitos de conhecimento e saber para que possamos refletir sobre sua aplicação ao estabelecer um “diálogo profícuo entre ciências distintas, mas não intangíveis: uma ‘ciência da tradição’, de inscrição mais mítica e local, e uma ‘ciência do moderno’, de inscrição mais abstrata e universal” (FERNANDES e FERNANDES, 2015, p. 132). Desse modo, observamos que:

**Conhecimento** implica em distanciamento maior entre sujeito e objeto, relação esta que também não considera, mais precisamente, o contexto de uso e habilidade específica de aplicação do saber/conhecimento. (FERNANDES e FERNANDES, 2015, p. 133).

Por outro lado,

**Saber** [...], exige maior participação do sujeito na apreensão do objeto, daí envolver propriamente o corpo e seus sentidos: sabor, paladar, cheiro, gosto. Conhecimento está mais ligado à capacidade de cognição (pensamento e reflexão abstrata), enquanto o saber envolve, além desta capacidade, o afeto e a volição: em particular, esta capacidade implica em escolher e decidir, em conduta “consciente”, por certa orientação e prática (ou pragmatismo?). (FERNANDES e FERNANDES, 2015, p. 133).

Vemos que a ideia de saber é mais abrangente e nos permite uma forma de pensar contra hegemônico, fora do círculo eurocêntrico, ou seja, um modo alternativo de pensar, que de acordo com Santos “[...] é pensar em culturas alternativas, em conhecimentos alternativos, os quais só podem, naturalmente, ser reconhecido se tomarmos uma atitude de multiculturalismo<sup>22</sup> ativo e progressista [...]” (SANTOS, 2003, p. 11). Nessa perspectiva há também, o reconhecimento e o respeito ao outro por meio do qual se estabelece a relação de interculturalidade. Assim, compreender criticamente que a cultura do outro não é melhor ou pior, mas diferente, possibilita assumir-se uma atitude de tolerância e de respeito às diferenças culturais (OLIVEIRA, 2011).

Entretanto, devemos ter em mente:

[...] que as distintas percepções e práticas entre estes atos do aprendizado não devem ter caráter valorativo, como se fossem superior ou excludente em relação ao outro. Antes de tudo, devemos compreender que são formas de apreensão e construção de realidades em perspectivas distintas e, por isso, têm diferentes situações de aplicabilidade. (FERNANDES e FERNANDES, 2015, p. 134).

---

<sup>22</sup>Tomamos como referência o conceito de Multiculturalismo Emancipatório de Santos (2003, p. 21) ao afirmar que este se assenta fundamentalmente numa política, numa tensão dinâmica, mas complexa entre a política de igualdade e a política da diferença.

Contudo, é importante salientar a posição teórica central do multiculturalismo crítico de Maclarem (1997), ao afirmar que as diferenças são produzidas de acordo com a produção ideológica e a percepção de signos culturais [...]. E acrescenta, com base em Ebert (1991) que as “diferenças são construções históricas e culturais (MACLAREM, 1997, p. 131).

Observamos nas palavras desses autores a possibilidade de estabelecer uma relação complementar entre conhecimento e saber, que não se assente em uma perspectiva hierárquica entre ambos, uma vez que para Foucault “inexiste a história de um ponto de vista totalizante” (FERNANDES e FERNANDES, 2015, p. 144). Desse modo, é possível compreender que o diálogo entre ambos nos enriquece e contribui para a formação multidimensional do ser humano, uma vez que para o pensador francês:

Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma. (FOUCAULT, 2008, p. 205).

Desse modo, é inegável o papel do educador, por meio dessa intermediação, na formação de seus alunos, a fim de que eles possam tornar-se sujeitos livres de quaisquer formas reacionárias de ideologias, que limite sua capacidade de intervir por meio do pensamento crítico e do diálogo nas decisões que são do interesse da coletividade. A autossuficiência é incompatível com o diálogo (FREIRE, 1987).

A escola do futuro deve primar por uma dimensão transformadora, sendo esse um paradigma desafiador, uma vez que essa passa a ter um papel ativo na formação dos aprendentes, cabendo a ela realizar e mediar um projeto de sociedade mais justa; que busque trabalhar pela democratização do saber; partir dos condicionantes históricos sociais dos indivíduos envolvidos no processo educacional; atingir objetivos sociopolíticos; criticar o sistema socioeconômico vigente e propor mudanças.

Vemos nesse novo modelo de educação a possibilidade de relacionar saberes de modo a enriquecer o conhecimento humano, para que cada vez mais tenhamos uma amplitude da nossa capacidade intelectual de compreensão da realidade na qual vivemos.

Por outro lado, podem ocorrer diversas educações, mas a escola cumpre um papel específico no processo educativo, pois é orientada por programas e estruturas formais do velho paradigma. Sobre esse aspecto, é necessário ressaltar a importância

dos Movimentos Sociais por serem os protagonistas da luta por reivindicações de políticas públicas que dê garantias de bem estar a todos no ambiente em que vivem, contribuindo significativamente para a ampliação do debate e a abertura de precedentes legais para que outros segmentos sociais, como as populações de assentados, quilombolas, ribeirinhos entre outros, também possam ter garantidos os direitos constitucionais de acesso à educação, saúde, moradia, direito a terra entre outros no seu local de vivência. Como passou a ser estabelecido pela RESOLUÇÃO 1/2002 DO CNE/CEB:

As propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade e cumprindo imediata e plenamente o estabelecido nos artigos: 23, 26 e 28 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/1996 [...] (ABREU et al, 2013, p. 120)

Além disso, cabe destacar que:

[...] os incisos I, II e III do artigo 28 reforçam a especificidade da Educação Básica do Campo ao recomendar que as propostas pedagógicas dessas escolas contemplem as necessidades e interesses dos estudantes do campo, considerem o calendário da produção agrícola bem como a natureza do trabalho no campo. [...] (MEC, 2013, p. 278)

Nota-se que no bojo dessas discussões encontra-se a implementação de uma educação diferenciada do contexto urbano e que venha atender e priorizar os conhecimentos e práticas educacionais do campo. Uma vez que, assim como cada cultura e cada sociedade caracterizam-se de forma distinta, também a educação não se apresenta de forma homogênea.

### **1.3. Os caminhos da pesquisa**

Durante o levantamento de dados, pautei-me por uma abordagem qualitativa na pesquisa de campo, uma vez que a relação entre sujeito-objeto deu uma dimensão viva as histórias narradas pela aproximação entre os envolvidos no processo de interação tanto na fala quanto na escuta. Sobre esse aspecto, os estudos de inspiração etnográfica ampliaram meu olhar para além de uma visão impregnada por um paradigma dominante cujo saber científico produzido nas instituições universitárias europeias, permaneceu hegemônico por muitos séculos sobre toda e qualquer forma de conhecimento, se opondo a outros saberes, vistos com desprezo pela academia por não estarem de acordo com os rigores científicos.

Atualmente, esses saberes estão sendo investigados por determinados seguimentos acadêmicos, com a perspectiva de possibilitar o diálogo profícuo entre ambos, objetivando proporcionar ao ser humano sua amplitude intelectual e, conseqüentemente, uma maior compreensão do mundo. De acordo com André (2005), os estudos etnográficos, reforçam a necessidade de uma visão holística, para dimensão humana do sujeito pesquisado no sentido de que:

A etnografia não julga, não condena em nome de um ponto de vista “superior”. Ela procura, antes de tudo, compreender, aproximando o que está distante, tornando familiar o que é estranho. Agindo assim, torna as coisas, as pessoas e os eventos mais complicados do que parecem. Pelo fato de o etnógrafo limitar-se a um longo trabalho de descrição – interpretação – os dois andam em par – ele põe às claras a complexidade das práticas sócias mais comuns dos pesquisados, aquelas que são de tal forma espontâneas que acabam passando despercebidas, que se acredita serem “naturais” uma vez que foram naturalizadas pela ordem social como práticas econômicas, alimentares, escolares, culturais, religiosas ou políticas, etc. (COZZI, 2015, p. 20).

O excerto acima, ajuda-nos a compreender a importância da pesquisa etnográfica sobre as práticas sociais de diferentes grupos. Nessa perspectiva, o trabalho do etnógrafo, que durante a sua evolução passou por várias etapas, foi utilizado inicialmente como estudo de grupos exóticos, estabelecendo entre ambos um distanciamento, por considerá-lo estranho ao seu modo de vida.

Contudo, aos poucos descobriu-se que esses grupos pertencem a outras culturas, com características diferentes da nossa e isso tornou-se um ponto fundamental a compreensão das tensões entre um e outro. Desse modo, os trabalhos realizados por Malinowski, com os papua-melanésios; Evans-Pritchard, com os Nuer; Geertz, sobre as brigas de galo em Bali, entre outros, contribuíram para que os estudos etnográficos nos desse uma nova visão de mundo sobre povos que tiveram suas vozes silenciadas no universo acadêmico. Nos dias atuais essas vozes foram resgatadas e outras incorporadas, quando a cidade, com suas características urbanas, foi descoberta como laboratório natural de novas observações. Desde então a etnografia se tornou um método passível de ser realizado em diversos ambientes.

Em vista dessas considerações, a pesquisa etnográfica fundamentou-se na inserção do pesquisador em diferentes campos, que do ponto de vista cultural, é diferente do seu habitat, mas que durante certo período precisará estar entre eles para compreender melhor os outros e o mundo onde vivem. Nesse sentido, a prática

etnográfica consiste basicamente em estabelecer relações, selecionar sujeitos e tentar salvar o que é dito em um discurso social em formas pesquisáveis.

Desse modo, os estudos etnográficos com os sujeitos que trabalham nas águas, seja na condução de embarcações ou como pescadores, nos levam a perceber outros saberes a serem investigados.

A entrada da etnografia em estudos recentes, tem permitido uma ampliação dos nossos sentidos na medida que nos ajudam a atravessar fronteiras entre diferentes espaço de transmissão de saberes, como vem ocorrendo entre as práticas educativas formais e não formais. Nesse sentido, um etnógrafo seria, portanto, um interprete da cultura.

Ao refletir sobre o processo da descrição de um determinado aspecto de uma cultura, Malinowski nos esclarece que

[...] um barco, seja ele feito de casca de árvore ou de madeira, de ferro ou de aço, vive a vida de seus navegantes e, para o marinheiro, representa mais que um simples pedaço de madeira moldada. [...] o barco está envolto numa atmosfera de romance, construída de tradição e experiências pessoais. É um objeto de culto e admiração, uma coisa viva que possui personalidade própria. (MALINOWSK, 1978, p. 87).

Ou seja, no desenvolvimento da pesquisa, é preciso considerar outro elemento a ser incorporado na mesma, o uso da sensibilidade, que de acordo com André

[...] na fase de coleta significa, por um lado, saber ver mais do que o óbvio, o aparente. Significa tentar capturar o sentido dos gestos, das expressões não verbais, das cores, dos sons e usar essas informações para prosseguir ou não nas observações, para aprofundar ou não um determinado ponto crítico, para fazer ou não certas perguntas numa entrevista, para solicitar ou não determinados documentos, para selecionar ou não novos informantes. Por outro lado, o pesquisador vai precisar usar seus sentidos, suas intuições, percepções e experiências para decidir quando iniciar o trabalho de campo, quando torná-lo mais – ou menos – intenso e quando encerrar a coleta de dados. (ANDRÉ, 2005, p. 52).

Nesse sentido, o trabalho do etnógrafo encontra-se, ainda de acordo com André (2005), diante de diferentes formas de interpretações da vida, formas de compreensão do senso comum, significados variados atribuídos pelos participantes às suas experiências e vivências e tenta mostrar esses significados múltiplos ao leitor. (ANDRÉ, 2005, p. 16).

Para mergulhar no cotidiano da comunidade da Ilha Grande e coletar as informações necessárias ao trabalho de campo, foram utilizadas como técnicas de pesquisas: a história oral e a entrevista narrativa por entender que, segundo



Thompson: A História oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória [...], mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas [...] (THOMPSON, 1992: 17). Bem como a entrevista narrativa, com a qual, por meio de perguntas diretas, podemos obter do narrador a escuta necessária, sem interferir no pensamento do mesmo, haurindo o que for mais importante do seu relato.

Ambas complementam-se mutuamente, como nos assegura Cozzi “no sentido de estimular os sujeitos a dizerem de si e de suas experiências” (COZZI, 2015, p. 21). Desse modo, a cada travessia rumo a Ilha Grande a pesquisa tomava forma, tendo como foco as conversas com os barqueiros, a observação do comportamento da maré...

## CAPÍTULO II: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Velho recorde o menino, que resta de mim, sei lá [...].

Ciclo – Caetano Veloso.

### 2.1. Memoriando a vida – fazer viver

Considerando os estudos acerca da memória, Le Goff (2008) observa que a memória é crucial para preservação da sociedade. Para este estudo, será usado o conceito de memória como ele se apresenta nas ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia) e se ocupa mais da memória coletiva que das individuais, bem como sua articulação com a história oral.

Isso se deve ao fato de que alguns cientistas foram levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais. Assim, Pierre Janet “considera que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo”, que se caracteriza antes de mais nada pela função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo (FLORÉS, 1972, p. 12 *apud* LE GOFF, 2008, p. 421).

Desse modo, Henri Atlan, estudando os sistemas auto-organizadores, aproxima “linguagens e memórias”, afirmando:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (1972, p. 461).

Por outro lado, Leroi-Gourhan, citado por Le Goff, evidencia que Memória é entendida, em sua obra, no sentido *lato*. Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Podemos a este título falar de uma “memória específica” para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória “étnica”, que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória “artificial”, eletrônica em sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados (1964-1965, p. 269 *apud* LE GOFF, 2008, p. 422).

Contudo, Goody (1977, p. 424) afirma que, na maior parte das culturas e em numerosos setores da nossa sociedade, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana. Isso pode ser verificado nas experiências laborais feitas por homens e mulheres que, muitas vezes, aprendem desde criança na prática e no ouvir contar de seus pais, as atividades que irão desenvolver ao longo da vida.

Desse modo,

Para o desenvolvimento das suas múltiplas atividades, os homens e mulheres das comunidades rurais-ribeirinhas[...] materializam a dinâmica das interações sociedade-natureza. O meio ambiente está representado nas suas referências ao rio, à mata, às plantações, aos insetos nocivos à plantação, aos animais peçonhentos, à qualidade do solo e à outras formas imaginárias. Eles constroem, se inserem ou se apropriam de seus ambientes pautando-se por saberes acumulados e configurados por meio do trabalho agrícola, da pesca, da construção de suas roças, da extração da madeira e de outros significados simbólicos que atribuem a determinados meios e que transcendem a dimensão do trabalho, ainda que a ele esteja vinculado. (CORRÊA, 2003, p. 55).

Parafraseando Edir Augusto Proença, “A memória da gente guarda algumas coisas em arquivos tão escondidos, que quando abertos acabam revelando fatos que nos surpreendem ter lembrado. Coisas assim que vêm de repente, de forma inesperada. Coisas que havíamos esquecido conhecer ou ter vivido. Basta um pequeno estímulo e os tais arquivos da mente escancaram todo tipo de recordações, algumas agradáveis, outras nem tanto”. Foi esse “pequeno estímulo”, que me fez lembrar dos momentos de infância na casa da minha avó materna, por meio dos quais, refleti sobre a importância que a memória tem para os registros pessoais e coletivos. Como nos assegura Halbwachs (1990) A memória é o que impedirá a fragmentação total dos sujeitos.

Desse modo, a memória nos situa no tempo e no espaço e, de acordo com Chauí (1997), ela é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo [...]. É a memória que nos possibilita buscarmos por meio de nossas lembranças a nossa identidade. Para essa autora, é “a memória que nos dá a consciência da diferença temporal – passado, presente, futuro – “fazendo com que a memória se torne uma forma de percepção interna, chamada de introspecção, cujo objetivo é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas lembradas, o

próprio passado do sujeito e o passado relatado ou registrado por outros em narrativas orais.

Além dessa dimensão pessoal e introspectiva (interior) da memória, é preciso mencionar sua dimensão coletiva ou social, isto é, “a memória objetiva gravada nos monumentos, documentos e relatos da História de uma sociedade”. Essa dimensão coletiva nos faz rejuvenescer na velhice ao recordarmos os episódios da nossa infância, repleta de fatos vividos em família e em outros grupos sociais dos quais fazemos parte. Isso acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 2006, p. 30).

O núcleo central desta reconstrução é a família. E, segundo Halbwachs: recorda-se o espírito de família porque é necessário retransmiti-lo e reproduzi-lo. De facto, as reminiscências comuns e as repetições rituais (festas familiares), a conservação grupal de saberes, de recordações e de símbolos (fotografias, lugares, objectos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patronímias e nomes), a par da responsabilidade da transmissão e do conteúdo das heranças, são condições nucleares para, num todo genealógico e evolvente, se produzir o sentimento de pertença necessário ao auto-reconhecimento dos parentescos. Pode dizer que a filiação é uma fidelidade a um património simbólico, cujo último fim é a reprodução do próprio grupo familiar. A memória é o que impedirá a fragmentação total dos sujeitos (HALBWACHS, p. 174, 1990).

É pautado nesse pensamento que devemos buscar sensibilizar as comunidades sobre a importância de preservar e valorizar as manifestações culturais enquanto património da memória coletiva. Desse modo, todos tem o direito de serem conduzidos a descobrir sua história, conhecer seu património e despertar um sentimento de pertença que fatalmente elevará sua autoestima e o reconhecimento da sua identidade.

Assim entendendo, poderemos ver que um povo é constituído, conforme Cerqueira (2005, p. 92), por cidadãos agentes sociopolíticos críticos, construtivos, que, na sua ação cotidiana, agem em prol de uma sociedade melhor, orientados pelo espírito do bem comum, e não apenas pelo afã individualista consumidor preocupado tão somente com o interesse próprio. Se a memória nos possibilita a sensação de voltar ao passado, ou seja, de fazer recordá-lo pelas lembranças, é por meio da narrativa que ela se manifesta aos ouvintes trazendo à mente as informações que são

processadas pela atividade intelectual de inúmeros conhecimentos e transformados em sabedoria.

Portanto, é por meio da oralidade que a memória expressa os inúmeros saberes das experiências práticas de cada sociedade em diferentes períodos históricos.

## **2.2. A História Oral – origens e princípios**

A história oral traz ao presente um repertório de conhecimentos que, pela fala e, posteriormente pela escrita, nos permitiu chegar a humanização, por meio de um processo histórico de desenvolvimento bio-psico-sócio-cultural, que nos permite a transmissão e perpetuação de nossa cultura nos mais variados processos de criação. Nessa perspectiva, as narrativas surgem, nesta pesquisa, como parte essencial da teia simbólica tecida por sentidos e significados da capacidade humana de entender e explicar o mundo em que o homem habita (COZZI, 2015, 57).

Desse modo, o uso da história oral, desde os anos 1960 nos Estados Unidos e posteriormente com o engajamento militante de Paul Thompson em 1978 na Inglaterra com a obra *A voz do Passado*, consolidou-se em outros países da Europa, estendendo-se a outros continentes com a perspectiva de democratização da própria história, devolvendo ao povo o seu “testemunho do passado”. Segundo Thompson “Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...] traz a história para dentro da comunidade”. Por ser uma fonte rica e complexa a história oral conquistou sua legitimação acadêmica entre as ciências sócias nos anos 1980, quando passou a ser discutido seu uso metodológico como técnica ou método de pesquisa.

Entretanto, foi como método, que ela conquistou o seu lugar como fonte principal de investigação que envolve um conjunto de procedimentos que contribuem ao êxito da pesquisa. Nesse sentido, Thompson (1992), considera que: Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem sucedido deve possuir [...] pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles.

Cabe ressaltar que a busca pelo conhecimento é tão antiga quanto o próprio ser humano. Desde o seu surgimento no planeta Terra, que essa busca tem sido tão intensa quanto a sua produção, isso ocorre pelas mais variadas formas de investigação e transmissão que passada de geração a geração se constitui em

patrimônio cultural de diferentes grupos sociais. Segundo Thompson (1992), a história oral é tão antiga quanto a própria história. Contudo, foi por meio da lembrança que tornou-se possível conservá-la “no espírito de cada ser humano” as “imagens-lembranças” (BOSI, 2006). Essas imagens são tão marcantes que Agostinho, em suas Confissões, dedica a elas especial atenção ao chamá-la de “O milagre da memória”:

Chego aos campos e vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie... Ali repousa tudo o que a ela foi entregue, que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou... Aí estão presentes o céu, a terra e o mar, com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recorro das ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recorro, aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem. (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 218).

São essas imagens, que garantem ao ser humano a referência em que o passado se conserva e luta contra diversos fatores de adoecimento para continuar vivo, tornando a lembrança [...] a sobrevivência do passado (BOSI, 2006).

De maneira coerente com a ideia de Bosi, em muitas civilizações, os velhos tornaram-se os guardiões dos saberes e são respeitados pelas gerações mais novas pela experiência acumulada ao longo da vida. Embora fragilizados pela velhice e não tendo como lutar contra ela, é preciso lutar para que se preserve na memória dos mais jovens seus ensinamentos. De acordo com Bosi (2006), “O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele”.

É por meio das narrativas de saberes sobre cultura que julgo esse estudo significativo para a preservação dos saberes tradicionais, antes que o processo de desenvolvimento, na forma como vem ocorrendo na região amazônica, provoque alterações que resultem em perda completa das experiências das suas populações, neste caso a ribeirinha.

## CAPÍTULO III: BELÉM DAS ÁGUAS

Belém não deve às águas apenas uma parte de sua beleza, mas sua própria modelação [...], a água é o elemento dinamizador da cidade.

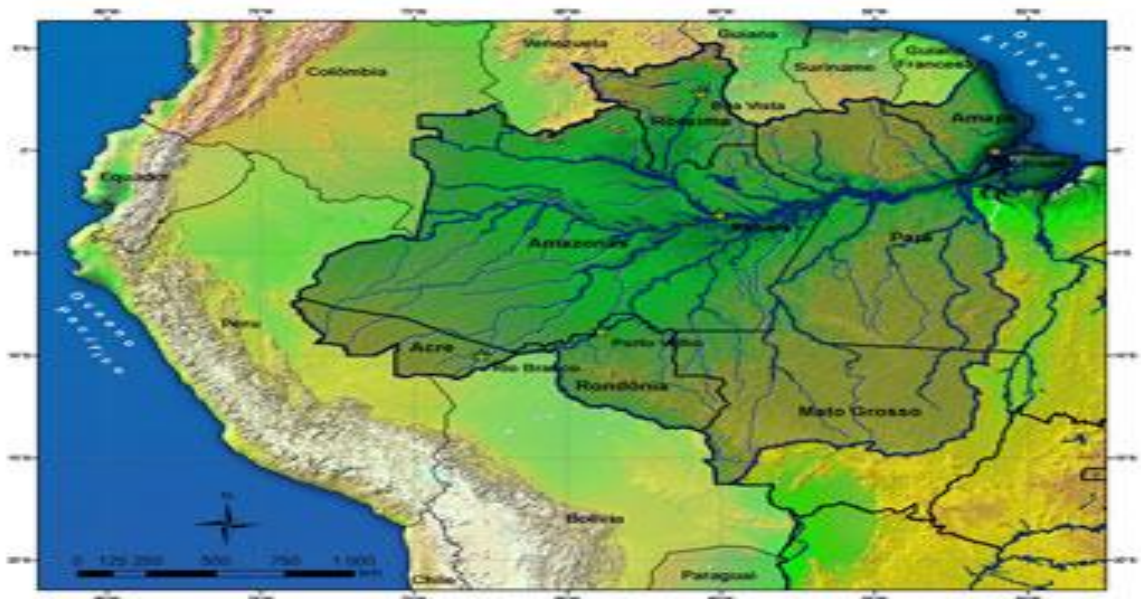
Eidorfe Moreira.

### 3.1. A Projeção dos rios no contexto amazônico:

A região Amazônica, apresenta em sua exuberância ambiental um complexo bioma. Entre os vários aspectos existentes tanto na fauna quanto na flora, destacamos a hidrografia, que possui a maior quantidade de água do Brasil distribuída nos milhares de cursos d'água existentes nessa região. Estudos mostram que esse volume é muito farto, representando um 1/5 da água doce do planeta Terra.

Maior bacia hidrográfica do mundo, a bacia Amazônica abrange uma área de cerca de 7 milhões de Km<sup>2</sup>, ocupando aproximadamente 42% do território nacional (Ver mapa abaixo). Além do Brasil, estende-se por outros seis países da América do Sul: Peru, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana e Bolívia. Seu principal curso de água é o rio Amazonas, que nasce na cordilheira dos Andes, no Peru. Suas águas desaguam no oceano Atlântico, próximo à ilha do Marajó, como é possível observar no mapa a seguir:

### MAPA DA BACIA AMAZÔNICA



Fonte de pesquisa: ANA: Agência Nacional de Águas. Disponível em:  
<http://www2.ana.gov.br/Paginas/portais/bacias/amazonica.aspx>. Acesso em 14/10/2017

Segundo os levantamentos realizados por Pandolfo (1989), a Amazônia dispõe de um:

Vasto sistema hidrográfico, constituído pela calha central do rio Amazonas e seus numerosos afluentes de ambas as margens, é considerado o maior do mundo, com uma bacia de drenagem total de ordem superior a 7 milhões de quilômetros quadrados, contendo uma reserva de água doce que representa cerca de 20% das reservas mundiais. (PANDOLFO, 1989, p. 83).

Partindo desse pressuposto, a hidrografia amazônica é motivo de estudo e pesquisa desde o início das primeiras expedições espanholas e posteriormente pela ocupação portuguesa, como ficou registrado nos relatos cartográficos dos cronistas viajantes do século XVII ao XVIII, que empreenderam viagens que visavam a defesa e a demarcação territorial por meio de projetos de exploração pelos colonizadores. Os estudos de Gondim (2007), mostram que:

Os séculos podem variar e os cronistas serem originários das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicas, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variavam do primitivismo pré-edêmico ao infernismo primordial. Ainda que familiarizados com a região ou mantendo o tom frio e distanciado do pesquisador, esse objeto móvel, essa natureza grandiosamente avassaladora, em algum momento fez com que esses homens parassem e a escutassem, e a sentissem, muitas vezes deixando para trás olhares já estruturados, visões já vividas, para pousarem os olhos renascidos na contemplação extasiada da grandiloquência natural. (GONDIM, 2007, p. 97).

Desse modo, podemos observar nos relatos do conquistador espanhol Gonçalo Pizarro, que de acordo com Gondin (2007), toma como referência: O primeiro documento que se conhece sobre a penetração do europeu no maior rio da Amazônia, data de 1541-42 e foi redigido pelo dominicano frei Gaspar de Carvajal, expedicionário às ordens de Francisco Orellana (GONDIN, 2007, p. 97). [...] Carvajal inicia seu *Descobrimento do Rio de Orellana*, assegurando que: *tudo que eu vou contar d'aqui por diante será como testemunha de vista e homem a quem Deus quiz dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento*[...].

Os escritos em vista da presença de grandes rios na região por meio do qual revela o “maravilhamento [...], diante de algo que é imenso e diante do qual a pequenez do homem se evidencia” (LOUREIRO, 2015, p.84), é observados nos relatos de outros cronistas viajantes que por aqui passaram. No entanto, segundo Gondin (2007, p. 108), “Oposto ao Descobrimento de frei Gaspar de Carvajal”, é na



narrativa de Rojas em seu *Descobrimento do Rio Amazonas*, que este faz um relato “ao lado de observações político-estratégicas, a herança bíblica e medieval da busca do Paraíso terrestre.”

Observa-se nos estudos de Gondin (2007), que “O rio é o eixo da narrativa de Rojas”, segundo ele: *É este o famoso Rio das Amazonas que corre e banha as terras mais férteis e povoadas que possui o reino do Perú e, sem usar de hipérbole, podemos qualificar pelo maior e mais célebre rio do Orbe.*

Com base nessas observações, Gondim (2007), afirma que Rojas “se vale dos rios bíblicos, muito utilizados pelos cronistas do passado, que perdem o estatuto antigo no confronto com o Rio das Amazonas”:

*Porque se o Ganges rega a Índia e por caudaloso escurece o mar quando nele desagua, fazendo com que se chame Sinus Gangeticus e por outro nome golfo de Bengala; se o Eufrates, como rio caudaloso da Síria e parte da Pérsia é a delícia daqueles reinos; se o Nilo rega a maior parte da África, fecundando-a com as suas correntes, o Rio das Amazonas rega extensos reinos, fecunda mais veigas, sustenta mais homens, aumenta com suas águas a mais caudalosos oceanos, só lhe falta, para vencê-los em fertilidade, ter a sua origem no Paraíso, como afirmam gravíssimos autores aqueles rios tiveram.*

*Do Ganges dizem as histórias que nele desaguam trinta famosos rios e que tem areia de ouro; inumeráveis rios desaguam no das Amazonas, que tem areia de ouro e rega terras que atesouram inúmeras riquezas.*

*O Eufrates assim se chama a letificando, como notou Santo Ambrosio, porque com suas correntes alegre os campos, de modo que os rega este ano, assegurando abundante colheita para o seguinte.*

*Do Rio das Amazonas afirmam os que o descobriram, que seus campos parecem Paraísos e suas ilhas jandins, e que se a arte ajudar a fecundidade do solo serão paraísos bem tratados. (GONDIM, 2007, p.111).*

Outros estudos, destacam o estuário do Amazonas, visto em seu original fenômeno pelos olhos surpresos do espanhóis, como que marcou, através dos tempos, uma predisposição para a fantasia. (TOCANTINS, 1972, p. 62)

De outro modo, Cozzi (2015), nos esclarece que a escolha de Pizarro se justifica, uma vez que o relato de Acosta, usa o termo “geografia das águas” para ressaltar a quantidade de furos, igarapés, lagos e afluentes, ao olhar estrangeiro, expondo minuciosamente a riqueza dos recursos hídricos existentes nessa região.

A imensidão da bacia hidrográfica amazônica faz parte do modo de ser e estar dos habitantes. Ao longo dos séculos, os caminhos das águas foram constituintes na relação do homem com seu meio, são um dos elementos balizadores da construção das identidades e culturas aqui encontradas. (COZZI, 2015).

Nesse contexto, de acordo com Castro (2006), Belém nasce na confluência de rios e igarapés, como uma das cidades do estuário amazônico com um desenho urbano delimitado pelos cursos d'água. É uma cidade fluvial banhada na sua quase totalidade por vários rios, que tiveram grande importância desde o tempo da ocupação da cidade:

Essa configuração constitui espaço de poder e de articulação da ocupação portuguesa ao norte, a partir do qual foram se tecendo as redes de ordenamento político-administrativo, catequese associada à exploração do trabalho, e rede mercantis. Essas estruturas desenharam um ordenamento e controle territorial a partir, inicialmente, da ocupação das embocaduras de rios e igarapés, ou de suas proximidades, como forma de viabilizar o acesso a novas áreas, a proteção do processo de interiorização, o escoamento da produção, e a manutenção das relações inter-étnicas marcadas por alianças e conflitos. Os rios Guamá, Acará e Moju, pela proximidade da cidade de Belém, conformando inúmeras ilhas ao sul da cidade, foram percorridos e ocupados logo nos primeiros momentos da colonização portuguesa, Alguns igarapés atravessam ainda hoje seus bairros, e fazem parte de estruturas que redefinem o espaço com suas contradições sócio-econômico-territoriais. (CASTRO, 2006, p. 138).

Como se pode notar, no dizer de Castro a configuração cartográfica de Belém é fortemente marcada pela presença de líquidos caminhos que percorrem vários bairros da cidade.

### 3.2. Cartografia Ribeirinha

As cidades da Amazônia são pontos de referência na sua cartografia, demarcada pela presença de inúmeros rios e floresta. São marcas da biodiversidade da região, de sua formação história, econômica e social, tendo desempenhado um papel fundamental no povoamento desse imenso território, no qual existem diferentes populações, mas que ao mesmo tempo produzem e expressam a síntese de identidades culturais, étnicas, sócio territoriais e de homens e mulheres que construíram, em cada uma delas, seus modos de vida.

De acordo com a Companhia de Desenvolvimento administração da Área Metropolitana de Belém – CODEM, há aproximadamente 43 ilhas no entorno de Belém, que ocupam 65,64% dos 34,36% da área continental. Isso atribui à capital paraense algumas nomenclaturas: Belém das águas, Viena paraense, Guirlanda de ilhas etc., uma vez que a cidade é cortada por sinuosos canais que foram desprezados

pele poder público, transformando-se em valas a céu aberto. No mapa abaixo, é possível ver algumas ilhas no entrono da área urbana de Belém:

### MAPA DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

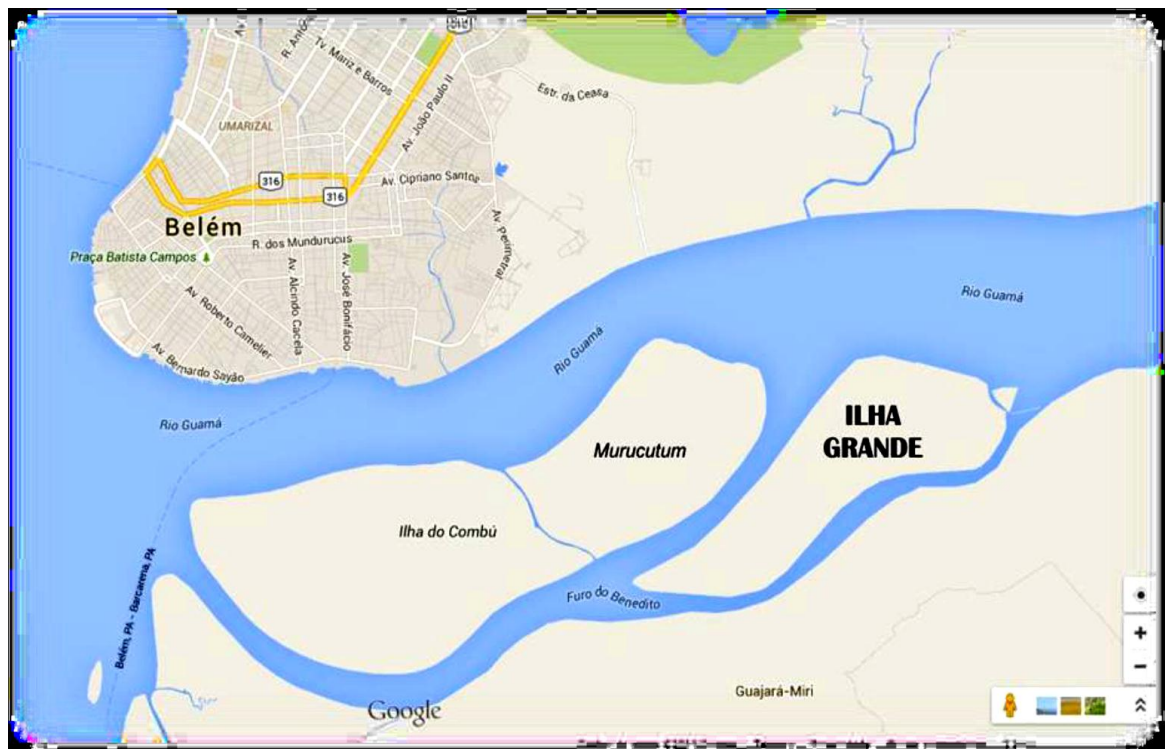


Figura 02: Imagem do Mapa da Região Metropolitana de Belém com destaque para a ilha Grande. Fonte de pesquisa: CODEM: Companhia de Desenvolvimento Administração da Área Metropolitana de Belém

De modo geral, Filho (2004), classifica os rios em quatro tipos, conforme sua largura: rio, paraná, igarapé e furo (ou canal). Esse mesmo autor, destaca que o geógrafo Aziz Ab'Saber assim se posiciona acerca do assunto: Os igarapés são usados como caminhos de canoa. E acrescenta: O paraná é utilizado para a navegação local. Sendo que Os furos (ou canais) interligam lagos, paranás e rios. (FILHO, 2004, p. 41)

Essa proporção de águas tem influência direta sobre as cidades que se desenvolveram a margem de grandes rios, como é o caso da capital do Estado do Pará, segundo Cozzi (2013, p. 337) “uma singular caracterização de seu território, com o corpo hídrico superior as terras continentais, a riqueza de sua localização é notada nos aspectos, geográficos, econômicos, no clima, vegetação”.

A baía de Guajará e o rio Guamá são os principais corpos hídricos do município de Belém, ambos formam o Estuário Guajarino, que segundo Vera Nobre Braz – 2006, p. 45 – 47, podemos conceituá-lo como:

Um estuário é um corpo d'água particularmente encerrado, que se forma quando as águas doces provenientes de rios e córregos fluem até o oceano e misturam-se com a água salgada do mar. Os estuários e as áreas circundantes são áreas de transição entre a terra e o mar, entre água doce e salgada. Apesar de influenciados pelas marés, os estuários estão protegidos das ondas, ventos e tormentas marítimas. São encontrados em todas as formas e tamanhos e podem chamar-se baías, lagoas, portos, enseadas ou canais. Nem todos os corpos d'água com essa denominação são necessariamente estuários. Sua peculiaridade é a mistura de água doce e salgada. O ambiente dos estuários entre os mais produtivos da terra, com ecossistemas muito diferentes uns dos outros. Entre os benefícios culturais dos estuários estão a recreação, o conhecimento científico, a educação e o valor estético. Navegação, pesca, natação são apenas algumas das numerosas atividades que podem ser desfrutadas. Como zonas de transição entre água e terra, são laboratórios de valor incalculável [...] (FONTE D'ÁGUA, 2001)

De acordo com Pojo (2011), A riqueza oferecida pela cultura ribeirinha está marcada pela extensão dos rios<sup>3</sup>, furos<sup>4</sup>, igarapés<sup>5</sup> e pelas particularidades das comunidades habitantes desses espaços que apresentam para si mesmas, para quem lá trabalha ou para quem as visitam, uma rica literatura cultural constituída de histórias locais, costumes, ritos e modos de vida próprios. Segundo Loureiro (1995), toda essa literatura é a visão que eles têm do meio, sua “cosmovisão”, e é através dela que o homem, a mulher e a criança ribeirinha explicam suas realidades. Assim, as práticas educativas vivenciadas com e pelos estudantes servem para eles aprenderem os significados e os sentidos do currículo oculto que se faz insistentemente presente junto ao currículo institucional, ou seja, não há como ignorá-lo porque é a própria cultura ribeirinha imbricada com o currículo escolar e essa imbricação está explícita nas práticas educativas da UP's.

---

<sup>3</sup> O rio é um curso de água natural que deságua noutro rio, no mar ou num lago. Entre os rios considerados mais importantes, com base na extensão, volume d'água e potencialidade econômica estão o Amazonas, o Tapajós, o Araguaia, o Xingu, o Tocantins, o Capim, o Guamá, o Moju, o Trombetas, o Nhamundá e o Jarí.

<sup>4</sup> O furo é um canal, sem correnteza própria, que corta uma ilha fluvial – como os furos de Breves, do Combu, da Onça, da Paciência e das Marinhas.

<sup>5</sup> O igarapé é um riacho pequeno, que em seu baixo curso cruza florestas de várzea. Geralmente os igarapés fluem por túneis de vegetação e apresentam águas escuras, devido à quantidade de sedimentos depositados nos leitos e por receberem pouca luminosidade solar.

Entre os vários aspectos citados por Pojo (2011), como exemplos de situações que alteram e influenciam os percursos diários do cotidiano escolar, destacamos a influência das marés, que durante as Marés Lançantes, observa-se que:

[...] o movimento das águas é mais intenso, fato natural, mas preocupante porque dificulta o equilíbrio de embarcações pequenas; dificulta apanhar os alunos nos trapiches das residências devido o agitado balançar das embarcações provocado pelas altas mareas que aumenta o receio de acidentes por parte das famílias.

Isso se reflete também no trabalho dos barqueiros, responsáveis pelo transporte dos alunos até as unidades pedagógicas e destas de volta para suas casas, uma vez que nesse período as águas ficam mais agitadas e os ventos mais fortes.

Durante as marés de **sizígia**<sup>6</sup>, a ação das correntes é mais forte, podendo alcançar o valor de 1,89 m/s (PORTOBRAS, 1980), ocorrendo no leito do rio Guamá verdadeiras “pororocas”; as médias das velocidades máximas no rio Guamá situam-se entre 1,04 m/s e 1,60 m/s, sendo sempre maiores nas vazantes que nas enchentes (BERNARDI; PINHEIRO; COSTA JÚNIOR, 1988).

Como define Peixoto, (2014, p. 69) “A maré é uma onda propulsora influenciada pela interferência gravitacional da lua e do sol, mais a lua”. Eliade, (2010, p. 154 *apud* PEIXOTO, 2014, p. 69), observa que “Os ritos lunares e aquáticos são orquestrados pelo mesmo destino; dirigem o aparecimento e desaparecimento periódico de todas as formas, dão ao devir universal uma estrutura cíclica”.

## TIPOS DE MARÉS: PREIA-MAR E BAIXA-MAR; MARÉS VIVAS E MARÉS MORTAS

As marés são fenômenos periódicos de elevação (preamar ou maré alta) e abaixamento (baixa mar ou maré baixa) do nível das águas do mar ao longo do dia. Trata-se de um fenômeno causado pelas forças gravitacionais do Sol e da Lua e pelos movimentos de rotação e translação da Terra. Como o Sol está muito mais distante da Terra, sua influência sobre a maré é menor que a da Lua, mesmo possuindo mais massa que ela.

---

<sup>6</sup> **Sizígia:** A altura das **marés** alta e baixa (relativa ao nível do mar médio) também varia. Nas luas nova e cheia, as forças gravitacionais do Sol estão na mesma direção das da Lua, produzindo **marés** mais altas e mais baixas, chamadas **marés de sizígia**. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maré>. Acesso em 21/05/2017.

Usaremos duas qualificações para definir os tipos de marés. A primeira delas é o valor da altura da maré e se expõe na tabela de marés. A segunda, é a fase da lua e está diretamente relacionada com a ação média dos peixes nas tabelas solunares<sup>7</sup>.

### **Segundo a altura da maré:**

- Maré alta ou preamar: quando a água do mar atinge sua altura mais alta dentro do ciclo das marés.
- Maré baixa ou baixa-mar: quando a água do mar atinge sua altura mais baixa dentro do ciclo das marés.

Normalmente ocorrem duas preias-mar e duas baixa-mar por dia já que, ao mesmo tempo que a lua eleva a água sobre a Terra no lado que está virado para ela, também separa a Terra da água no lado oposto.

O resultado é que a água se eleva por cima da superfície terrestre em dois lados diametralmente opostos do planeta.

Definimos o dia lunar como o tempo que demora a Lua em voltar a estar em uma determinada posição em relação a nós e dura exatamente 24 horas, 50 minutos e 28 segundos.

### **Segundo a fase da Lua:**

- Marés vivas ou Sizígia
- Marés mortas ou Quadratura

As marés vivas ou de sizígia, que ocorrem durante as fases de lua cheia e lua nova, a Lua e o Sol estão alinhados e os seus efeitos se somam, trata-se das marés vivas, como mostrado nas imagens abaixo.

---

<sup>7</sup> A teoria solunar foi proposta inicialmente pelo estadunidense John Alden Knight em 1926 e avalizada por análises sistemáticos de cientistas e biólogos nos anos seguintes. Baseia-se em pesquisas experimentais das quais se deduz que a ação do sol e da lua influi na atividade de todos os seres vivos da natureza. Os momentos do dia nos quais os seres vivos demonstram uma maior atividade são os chamados períodos solunares. [www.tabuademares.com/mares/tipos-mares](http://www.tabuademares.com/mares/tipos-mares). Acesso em 21/05/2017.

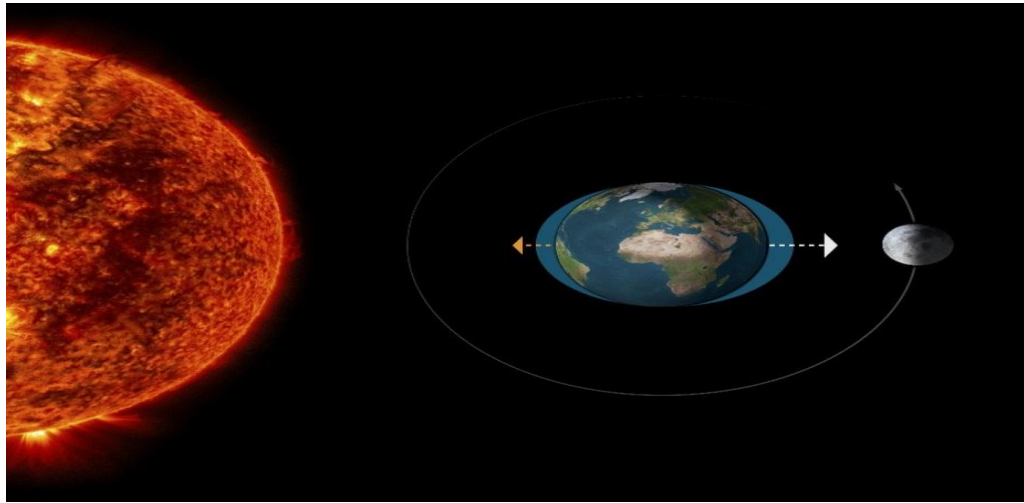


Figura 03 – Lua Cheia (marés vivas).

Fonte: <[www.tabuademares.com/mares/tipos-mares/2017](http://www.tabuademares.com/mares/tipos-mares/2017)>

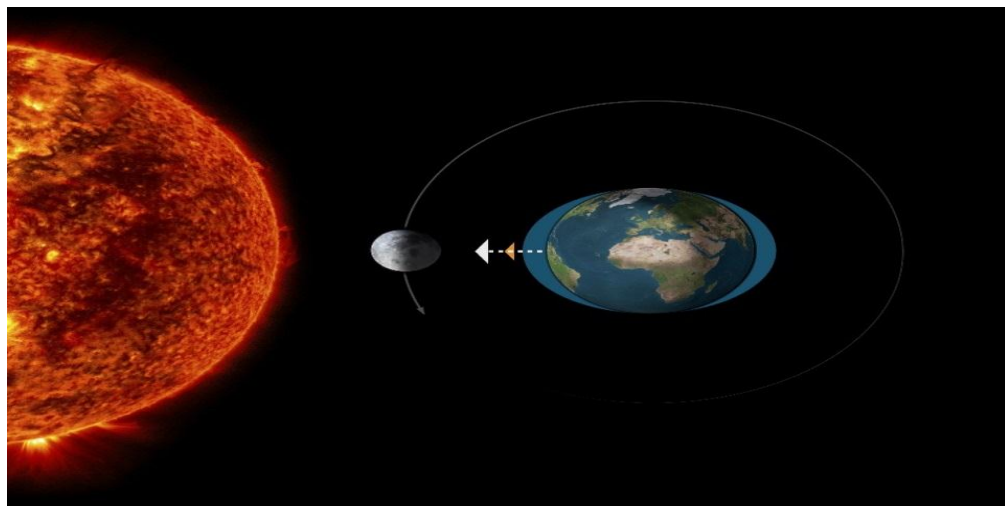


Figura 04 – Lua Nova (marés vivas).

Fonte: <[www.tabuademares.com/mares/tipos-mares/2017](http://www.tabuademares.com/mares/tipos-mares/2017)>

Por outro lado, durante as fases de quarto crescente e quarto minguante, os efeitos da maré são de menor amplitude (coeficiente de marés mais baixo), denominadas marés mortas.

De acordo com as imagens abaixo, o movimento no fundo do mar costuma ser menor e normalmente são resultado de dias menos propícios para a pesca que os dias de marés vivas.

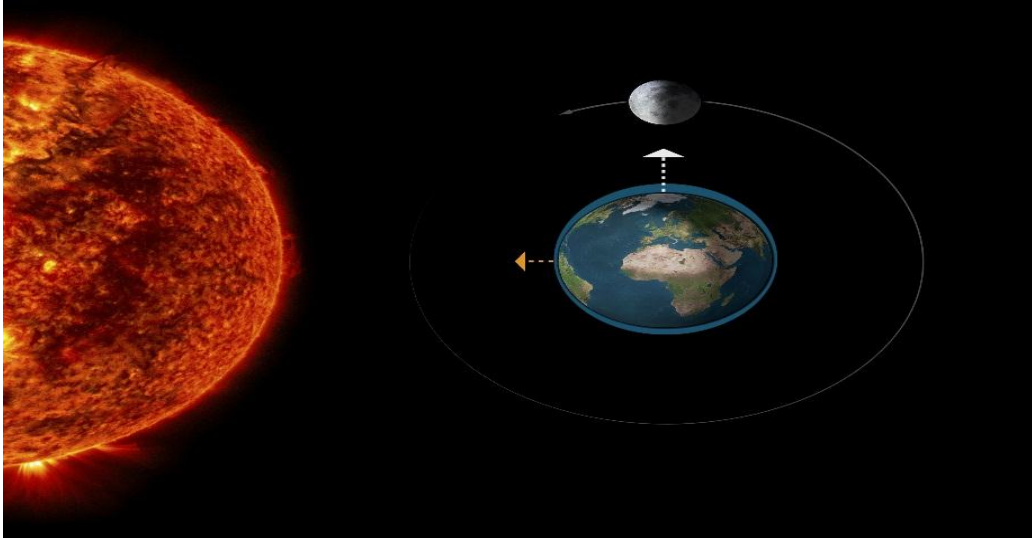


Figura 05 – Quarto Minguante (marés mortas).  
 Fonte: <[www.tabuademares.com/mares/tipos-mares/2017](http://www.tabuademares.com/mares/tipos-mares/2017)>

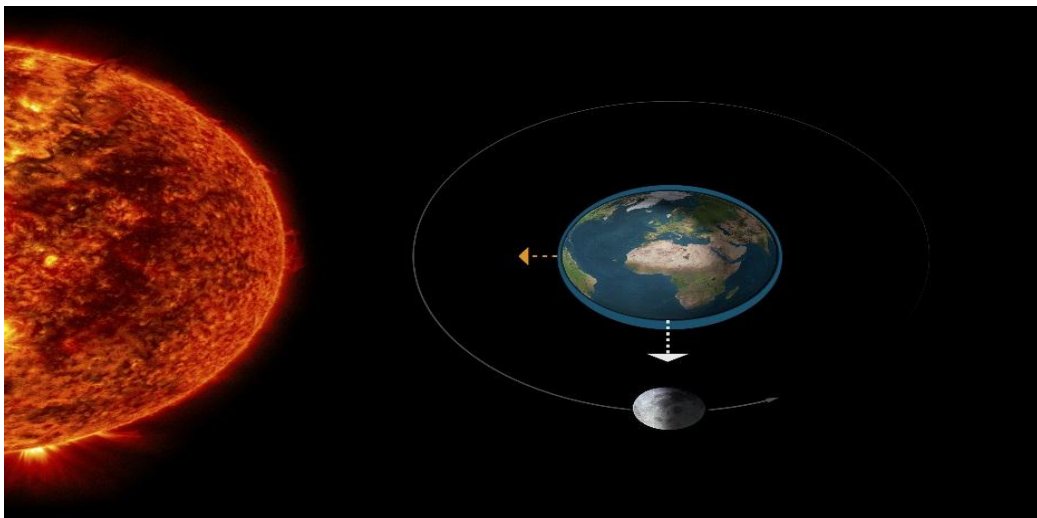


Figura 06 – Quarto Crescente (marés mortas).  
 Fonte: :<[www.tabuademares.com/mares/tipos-mares/2017](http://www.tabuademares.com/mares/tipos-mares/2017)>

Desse modo, podemos perceber pelas imagens a influência da Lua no grande volume de água que se encontra no planeta Terra e de como isso vai interferir na dinâmica dos rios.

De acordo com a Agência Nacional de Águas - ANA (2017), cerca de 70% do planeta Terra é coberto por águas, dos quais aproximadamente 97,5% desse volume é salgada e apenas 2,5 % é doce. A distribuição de água doce no planeta é desigual, podemos observar essa situação em alguns países que se encontram em regiões



muito secas, enquanto que outros dispõem de água em abundância, como é o caso do Brasil que detém 12% da reserva hídrica do mundo.

É comum observar a variação no volume de água de um rio ao longo de um ano, isso é resultado das estações chuvosas ou secas, que vão levar mais ou menos água até ele, alterando seu regime hidrográfico.

Na região amazônica, a importância da posição do planeta Terra no sistema solar é o principal fator de circulação geral da atmosfera que está diretamente relacionada com a distribuição das chuvas nessa região, contribuindo significativamente para um período muito chuvoso durante o ano.

### **3.3. A Ilha Paulo da Cunha Grande**

A região metropolitana de Belém é formada por dezenas de ilhas, distribuídas ao norte, oeste e sul que compõem a parte insular ao largo da parte continental, onde se localiza os muitos bairros da cidade. (CODEM, 1999)

Nesse contexto, a região das ilhas de Belém tem significativa importância, para quem vive nessas comunidades ribeirinhas, uma vez que “Situado diante de uma natureza magnífica, de proporções monumentais, o caboclo, além de criar e desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com ela, construiu um sistema cultural singular” (LOUREIRO, 2015, p. 31). E para os que moram no continente, já que ela oferece boa parte dos produtos que são comercializados nos portos da capital paraense, como o pescado e principalmente o açáí.

De acordo com a Nova Cartografia Social da Amazônia (2008), a capital paraense, está situada no vértice do estuário guajarinense e é parte integrante do estuário amazônico situado na foz do rio Amazonas. O estuário guajarinense, ambiente fluvial com influências marítima, forma-se na confluência dos rios Pará, Acará e Guamá. Com base nos dados do Anuário Estatístico do Município a área total representa 50.582,30 hectares; a porção continental corresponde a 17.378,63 ha e a porção insular com 33.203,67 ha corresponde as 43 ilhas que compõem o município belenense. Concordamos com Cozzi, ao afirmar que esse conjunto de ilha representa “Um complexo contorno cartográfico quase sempre despercebido pelos habitantes da Belém urbana. Segundo Eidorfe Moreira (1989, p.157 *apud* Cozzi, 2015, p. 41)

É digno também de nota que as ilhas que defrontam com Belém não se acham isoladas, mas dispostas à semelhança de uma guirlanda envolvendo parte da cidade, o que lhes reforça os efeitos cênicos em termos geográficos. Das mais próxima para as mais distante, rumo ao Norte as mais importantes desse grupo são as seguintes: Ilha das Onças, Arapiranga, Longa, dos Patos, Urubuoca, Jararaca, Paquetá-mirim, Paquetá-açú, Jutuba, Cutijuba e Tatuoca. Algumas dessas ilhas sofreram modificações toponímicas, umas leves, outras radicais, razão por que nem sempre concordam os mapas e compêndios corográficos a respeito dessa toponímia.

## LOCALIZAÇÃO DAS UPS NO MAPA DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM

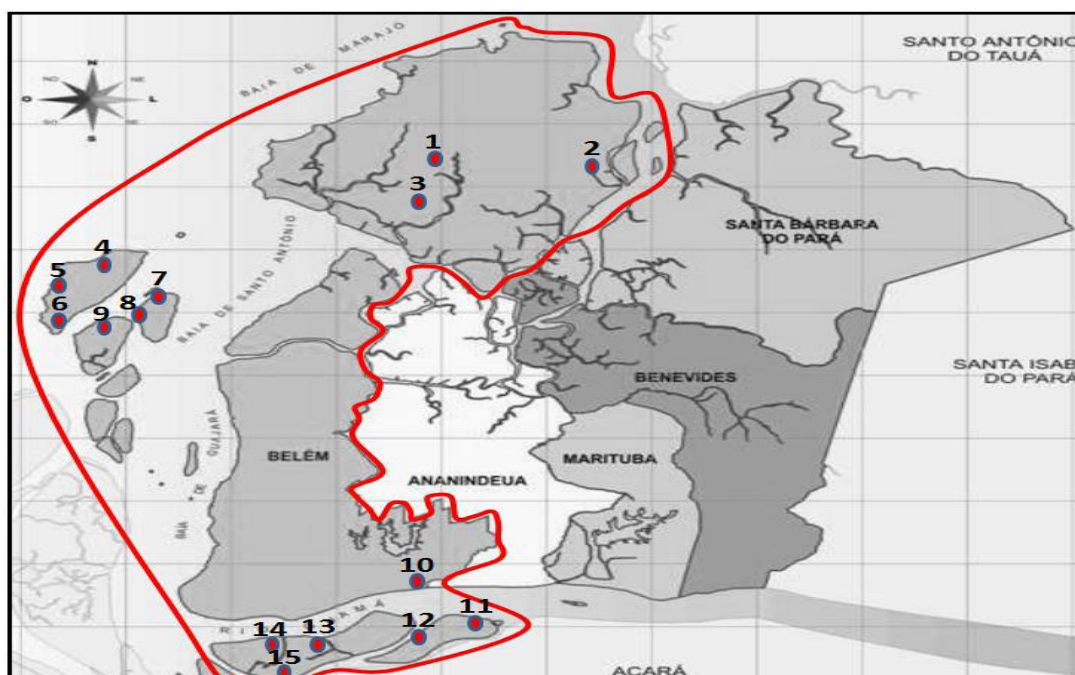


Figura 07 – Imagem do Mapa da Região Metropolitana de Belém com destaque para o Município de Belém e a localização das UP's.

De acordo com levantamento feito por Santos (2014), as Unidades Pedagógicas estão localizadas e organizadas administrativamente pela SEMEC em suas respectivas áreas. Desse modo, no quadro abaixo, está explicitado as ilhas conforme a numeração da unidade pedagógica evidenciada no mapa.

É necessário informar que depois da pesquisa de Santos, realizada em 2014, a SEMEC reordenou a coordenação das ilhas permanecendo esta mesma distribuição. No entanto esses espaços educativos que antes eram administrativamente divididos em dois grupos: o primeiro grupo sob a coordenação da Direção de Ensino - DIED e o segundo sob a coordenação da Fundação Escola Bosque - FUNBOSQUE, foram desfeitos passando somente para a DIED.

<b>LOCALIZAÇÃO</b>	<b>UNIDADE PEDAGÓGICA</b>
<b>Na Ilha do Mosqueiro</b>	1- UP. Maria Clemildes dos Santos 2- UP. Bacabeira 3- UP. Castanhal do Mari-Mari
<b>Na Ilha de Cotijuba</b>	4 - UP. Seringal 5 - UP. Faveira 6 - UP. Flexeira
<b>Na Ilha de Jutuba</b>	7 - U.P Jutuba I 8 - UP. Jutuba II
<b>Na Ilha de Paquetá</b>	9 - U.P Jamaci
<b>Na Ilha da Várzea</b>	10 - UP. Nsa. Sra. Dos Navegantes
<b>Na Ilha Grande</b>	11 - UP. Nazaré 12 - UP. São José
<b>Na Ilha do Combu</b>	13 - UP. Santo Antônio 14 - UP. Combu 15 - Escola Milton Monte

É nesse contexto, que encontramos na comunidade da Ilha Grande, o ambiente de determinação e luta para que o poder público pudesse garantir o direito de todos os moradores à educação.

O acesso a ilha é feito diariamente, por embarcações motorizadas de médio e pequeno porte, voadeiras, rabetas e “casquetas” de propriedade dos moradores, como se observa nas figuras 08 e 09.



Figura 08 – Foto de embarcação “pôpôpô”. Fonte: Pesquisa de Campo, junho/2016.



Figura 09 – Foto de embarcação “rabetas”. Fonte: Pesquisa de Campo, junho/2016.

Outra alternativa é ir pelo mesmo trajeto do Porto da Palha ao Porto da Boa Vista, no Município de Acará e lá, fretar uma rabeta até a ilha Grande que fica do outro lado do Rio Guarapiranga. Na ilha, não há uma concentração de casas, os moradores foram se estabelecendo ao longo da margem, cabendo ao visitante indicar o ‘porto’ exato onde quer desembarcar. Esses portos, na sua maioria são pequenos trapiches, feitos precariamente com troncos de árvores ou construídos com madeira e conhecidos pelos ribeirinhos pelo nome do dono da casa. Por exemplo: ‘porto do seu Duca’, ‘porto do Nonato’, ‘porto do Polaca’ entre outros. Como bem enfatiza Pojo e Soares (2016), como apresentado nas figuras 10 e 11.

O mesmo trapiche que serve de descida das pessoas e de atracação das rabetas é também o lugar da brincadeira; assim como a beira-rio onde eles apanham água para os afazeres domésticos é também o espaço da contação de histórias ou do pulo em situações de brincar livremente. (POJO e SOARES, 2016, p. 88).





Figura 10 - Foto de trapiche de tronco de árvore. Fonte: Pesquisa de Campo, junho/2016.

Uma referência em toda a ilha é o ‘porto’ da Unidade Pedagógica São José, também conhecida como “escola da dona Quinha”, principal mobilizadora da construção da U.P. pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém - SEMEC, em 2004.



Figura 11 – Foto do trapiche da U.P. São José. Fonte: Pesquisa de Campo, junho/2016.

Ao lado da U.P. funciona o centro comunitário (figura 12), construído com recurso dos próprios moradores, que serve a comunidade. Nesse local, se realizam, além das atividades recreativas da unidade pedagógica, eventos religiosos, reuniões de moradores, ações sociais do Estado e Município etc.



Figura 12 – Foto do Centro Comunitário. Fonte: Pesquisa de Campo, junho/2016.

### **3.4. A pesquisa em uma comunidade ribeirinha:**

O presente estudo, enfoca elementos da cultura amazônica, da qual intento refletir acerca da Ilha Grande, no município de Belém, ao buscar discutir questões relacionadas à história oral e a educação no âmbito das populações ribeirinhas.

Para mergulhar nesse universo é preciso atravessar o rio Guamá, partindo do Porto da Palha, um dos inúmeros portos da extensa orla que se estende entre o Rio Guamá e a Baía do Guajará, que banham os bairros do Aurá, Curió-Utinga, Universidade, Guamá, Condor, Jurunas, Cidade Velha, Campina, Reduto, Umarizal, Telegrafo, Sacramento, Barreiro, Miramar, Maracangalha, Val-de-Cães, Pratinha e Tapanã. Acomodados na pequena embarcação, de nome “São Raimundo”, o barqueiro nos informa com a experiência de quem conhece esse percurso desde criança, sobre as condições da maré e obedecendo a sua dinâmica, navega com segurança até as ilhas que ficam situadas em frente ao porto da Palha, do Combu e Murucutu que são serpenteadas por furos e igarapés, que aos poucos vão se revelando sob a luz do sol que rompe a nevoa da madrugada, descortinando a manhã



que se inicia. Uma vez à mostra, a floresta nos revela outra forma de viver, ou seja, o cotidiano de uma população que se relaciona com a floresta e o rio de maneira tão próxima que ao visitante descuidado parece ser um obstáculo, mas aos poucos vamos percebendo como essa relação foi se construindo a centenas de anos, por diferentes grupos étnicos, um fazendo parte do outro, como a trama de frágeis cipós que unidos se entrelaçam ao tronco de uma frondosa árvore, criando uma teia de sustentação que torna difícil descobrir o *ethos* de cada um. De acordo com Inostroza, 2002, p. 170, “Eles estabelecem linhas de relações horizontais, que não se anulam nem se somam, permanecendo íntegra a identidade de cada um dos elementos”.

Ao entrar no furo da Paciência (conforme figura 13), que separa as duas ilhas, é comum ver os pais “banharem” os bebês nas águas barrentas e geladas do furo. Adultos e crianças fazem dessas águas sua fonte de vida que diariamente são usadas para: higienizar, lavar, cozinhar, pescar, partir, chegar... Assim tem sido os muitos usos do rio por essa gente que apesar de morar há poucos quilômetros da área urbana, vivem em uma metrópole que deu as costas às populações ribeirinhas, dispensando um tratamento periférico às mesmas.



Figura 13 – Foto da entrada do furo da Paciência. Fonte: Pesquisa de Campo, junho/2016.

Em meio a essa trama ecológica, existem inúmeras famílias que vivem dos produtos que a fauna e flora lhes oferecem e que fazem deles seu principal meio de sobrevivência. Contudo, para extrair os recursos naturais é preciso um conhecimento

ancestral que garanta o manejo sustentável e coerente com os ciclos determinados pela natureza.

Continuando nossa viagem, saindo do furo da Paciência, chegamos à confluência dos rios Bijogó e Guarapiranga, são esses rios que circundam a ilha: o primeiro pelo lado esquerdo e o segundo pelo lado direito. Ao atravessar o rio Bijogó, nos deparamos com a Ilha Grande, que compõe o mapa das três maiores ilhas da região insular-sul da área metropolitana de Belém.

### 3.5. Entre idas e vindas: o cotidiano dos barqueiros

Para as discussões que proponho realizar de forma a refletir acerca dos saberes sobre a dinâmica das marés foi necessário o diálogo com os barqueiros contratados pela SEMEC para fazer a rota entre a escola e a casa dos alunos. A escolha desses sujeitos nas entrevistas foi com base no critério de trabalho que eles exercem com o transporte dos alunos. Esse recorte buscou favorecer o cruzamento de dados entre as informações, uma vez que as experiências vividas no seu lugar de pertencimento são quase as mesmas colhidas nas entrevistas, ou seja, conhecem a navegação nesses rios desde muito jovens, já que nasceram, moram e herdaram ainda criança a destreza com a canoa, a rabeta e o barco na navegação entre as ilhas e na travessia até os portos de Belém. Como nos assegura Gallo (1981) O Caboclo tem a sua cosmologia, não conhece a palavra, porém segura com ciúme o conteúdo [...] Todas as crianças sabem disso: é uma cultura herdada com a vida. (GALLO, 1981, p. 89)

Nessa perspectiva, foi investigado o conhecimento que os barqueiros possuem sobre a dinâmica das marés, os desafios que esses sujeitos enfrentam no trabalho e como são descritos por meio da própria narrativa. A análise das entrevistas, se deu pela importância da memória, do diálogo e da história oral durante a pesquisa de campo, por meio de procedimentos metodológicos fundamentados na técnica de pesquisa da entrevista direta, realizadas com os profissionais que atuam na unidade pedagógica São José, na Ilha Grande. Paraphrasing Gallo (1981, p. 234) eu ficava simplesmente escutando, analisando os seus assuntos de interesse, o seu modo de raciocinar, de avaliar a realidade[...].

Desse modo, o uso da História Oral como metodologia, consiste na arte de apreender narrativas a fim de obter material para conhecimento e análise de um



determinado processo social do presente, favorecendo não apenas os estudos de identidade, mas também da memória de uma cultura. Foram entrevistados quatro profissionais ligados a escola: dois barqueiros: Nonato, do barco São Raimundo e Itamar, do barco 7 Irmãos; uma professora e a coordenadora da DIED. As entrevistas foram transcritas, conferidas e aprovadas pelos entrevistados. Cabe ressaltar, que a transcrição das entrevistas foram feitas por meio de uma transcrição grafemática básica apenas para escrever o texto oral, evidenciados nos trechos em *itálico*. A transcrição grafemática é para evitar juízo de valor, não se evidencia o que está certo ou errado, apenas é descrito o texto como fora oralizado.

Cada barco segue uma rota previamente discutida e traçada pela DIED, ficando cada barqueiro responsável por um quantitativo de alunos estabelecido de acordo com a proximidade da casa de cada criança com a U.P., de modo a facilitar o acesso ao porto no embarque e desembarque.

Além deles, foi entrevistada a professora Ana Karina do 4º ano e a coordenadora da DIED, professora Ana Silvia para saber sobre o currículo posto em prática e de que modo os saberes culturais dos ribeirinhos das ilhas, são trabalhados nas aulas, enfocando os saberes das marés, uma vez que esse saber estabelece uma ligação direta com o cotidiano de quem mora e trabalha nesse ecossistema, tendo as suas ações determinadas pelo movimento das marés (enchente e vazante) que regulam o tempo e o comportamento dos seus habitantes. Os diálogos, ultrapassaram a simples conversa, uma vez que, por meio deles buscou-se as informações que emergem da experiência vivenciadas na práxis cotidiana do trabalho desenvolvido por cada sujeito, já que as questões inerentes a memória são relativas ao conhecimento, próprios da existência humana. “Por meio das vozes destes narradores, será observado como a memória opera nas narrativas, os ditos/não-ditos e quais as imagens relacionadas às práticas profissionais de cada um deles.”

Durante a pesquisa de campo, tive contato direto com os barqueiros que residem próximo a U. P. e esse acesso proporcionou uma observação participante mais intensa do cotidiano deles.

Por ora, apresentarei alguns pontos importantes na compreensão do contexto que cada um vivencia no transporte dos alunos até a U.P. E, nos tópicos seguintes, analisar as relações existentes entre os conhecimentos que cada um possui sobre o movimento das marés e sua influência nas condições de navegabilidade.

A experiência com a navegação demonstra o grau de habilidade com o trabalho que eles desenvolvem na travessia. Essa experiência e os saberes adquiridos com o trabalho de homens e mulheres, que ainda crianças buscam na práxis cotidiana interpretar a realidade em que vivem, tornando-se atores sociais a medida que esses são sujeitos

[...] de “práticas cotidianas de resistência”, construtores de seus projetos de vida e tecedores de representações sobre o mundo vivenciado. Sujeitos construtores de uma lógica de pensar a realidade social oriunda do processo de relação dialética com o mundo (OLIVEIRA, 2002: 19).

Itamar (36 anos), trabalha há 12 anos com o transporte dos alunos no barco da família – “7 Irmãos”. De acordo com o que foi relatado Ita, por ser morador de uma comunidade ribeirinha, aprendeu esse ofício com o pai, seu Machado (80 anos), em Boa Vista – Município de Acará, onde mora.

Essa experiência com a navegação e o conhecimento sobre as marés, Ita afirma que foi aprendendo,

*Ouvindo o papai. Essa experiência foi que me ajudou a conhecer tudo isso.*

Sobre a importância do conhecimento da dinâmica das marés para o seu trabalho, ele afirma que:

*Influencia e muito...por que...o... o trabalho tem que cumprir horário né. Nem toda maré... nós chama de maré morta a gente corre pouco.... aí...essa lançante já chego mais tarde.*

Perguntado sobre a influência da lua sobre a maré:

*Na maré lançante, quando ela cresce muito, acima da terra, depois que a lua sai...é mais três dias que ela cresce.*

Outro barqueiro entrevistado (Figura 14), o Sr. Nonato, confirma essa influência da lua ao dizer que:



Figura 14 – Foto do Sr. Nonato. Fonte: Pesquisa de Campo, junho/2016.

*No caso, a lua infrui três dia pra frente, três dia pra trás... Olhe professor, são quatro lua durante o mês... Ela começou a dá sinal dia 20 de crescimento... 23 foi dia de lua... aí ela já entra no perímetro da outra lua que é quarto crescente... depois ela passa para o perímetro da lua cheia.*

Essa conta das luas, indica que ela influi sobre a maré, de que modo?

*Pois é... ela tá alta essa uma agora né... ela tá alta... ela tá dando maresia... o vento tá mais forte... É... maré seca... ela tá soprando do norte que o pessoal chama né. Quando ela dá puxamento pra crescimento... ela puxa das sete hora da manhã... no caso né.*

Esse conhecimento, ajuda os barqueiros a ter mais cuidado na travessia?

*É... quando tá seco... eles têm que ir por fora... pelo paciência por causa da água que aqui tá seco né... só tá um canalzinho... conforme o tempo também muda né... que até eu falava pra aquela que trabalha com os barco ... eles tava querendo diminuir rota do São Raimundo... não adianta diminuir... não infrui nada em porto porque o baixo mudou de posição.*

Esse conhecimento, o senhor aprendeu como?

*Olhe foi com os nossos avós...no meu caso...foi com a vovó...minha avó. ... com os mais antigo por exemplo, com o velho finado pai do Polaca...ele conhecia muito...até na mudança do tempo ele conhecia pelas estrela...conhecia quando ia chover dois... três dia antes...ele olhava pro céu ...ele sabia né...o horário de ...de hora...ele levantava de madrugada ele olhava o horário ... uma vez até eu disse pra ele...não o senhor me dá o seu relógio que assim não vale...ele disse ah o senhor tá duvidando da minha palavra é? Tá...então tome esse relógio...então guarde com o senhor...agasalhe ele pra aí...quando deu duas hora da madrugada ele levantou pra mijá ele me chamou...seu Nonato! Senhor? Olhe lá no relógio...é duas hora...aí eu olhei no relógio...era duas hora.... pelas estrelas...ele olhava pro céu e dizia a hora.*

Essa experiência aprendido com os mais velhos, vocês ensinam aos filhos de vocês?

*É... essa experiência vai passando...agora esses mais novato não querem...por exemplo...prantação né...infrui tanto na maré pra pranta...como na lua...tem certas pranta...que a gente pranta no quarto minguante que é pra trabalhar...por exemplo, o quiabo...eles prantava no minguante...que ele dá baixo e espalha...muito galho...dá mais quiabo...já o quarto crescente ele cresce...alto e dá menos quiabo na alve e tem o coisa do açai que é mais difícil o cara pranta por lua né...vai prantando quando tem tempo né...mas no tempo da vovó, no tempo da mamãe elas prantava mais pela lua...no caso do seu João...ali tem seu Simeão...que ainda tá vivo...pois aí...no caso da escola as vez eles...não vem fazer as rota...eles quere faze a rota agoniado...e na maré daí ...a pessoa tem que ter cuidado...como a gente fala...não dá pra atravessar nessa agora...tem que esperar acalmar...por que a maresia fica mais agitada né...o vento fica mais forte...mesmo não tando formando chuva...mas ela fica mais forte mesmo...devido a água que ....aquí não....aquí não tá subindo mas pra essa outra ilha tá metendo já em terra...subindo essa água que lá é mais baixo né...*

Esse conhecimento sobre a maré, vocês conversam com o pessoal da SEMEC?

*Pois é... mas isso aí nós já falemo pra ela (Nome)...já falemo com aquela outra branca (Nome) que andava fiscalizando...mas não adiantou nada. Quando eles vem fazer a rota do São Raimundo...eu falei pra ela ...não muda nada que é pobrema da água..vai mudar de novo quando o seco mudar de posição por que tem tempo que ele muda o canal né...é por isso que quando eles vem fazer a rota..eles vem sempre na maré morta que a gente chama né...então na maré morta... gasta menos óleo ... a maré cheia... como nós chama gasta mais óleo...tem que andá puxando mais...aí puxa bem...as três lua que é a mais...porque o mingunte ele sempre é calmo né...por que ele fica na escura a água fica mais baixa...corre menos...quarto crescente ele já puxa...quando ele passa do crescente pra lua nova...quando vira lua cheia né...o luar grande mesmo...*

Os técnicos da SEMEC procuram saber com vocês sobre essa dinâmica das marés, para elaborar as rotas dos barcos?

*Que eu saiba não...eles nunca sentaram pra perguntar sobre a maré...eles indagam mas as vezes não...não infrui muito não...com eles não tem esse negócio dessas conversa não...sobre a água...sobre a lua...por que quem mora em Belém não sabe qual o perímetro da lua que tá vivendo...né. Quem mora em Belém não sabe quando tá luar...quando tá escuro...não sabe quando a água tá puxando... crescendo...não sabe que hora a água tá vazando...enchendo...que hora vai tá preamar...deu o horário de atravessar eles não tão nem vendo...por exemplo...esse negócio de temporal que tá meio arriscado...eles fazia questão de vinte minuto...ou sai antes ou antão deixa sai com os barcos quando passar né...pra cá pro tio Machado ele vai a favor do vento...mas o são Raimundo não... ele vai contra...outro dia eles ficaram em seco... em cima dum pau...foi preciso buscar uma moto serra...pra serrar...quase o barco cai pra lá... se quebra...deu o vento eles subiram pra cima do...do...dum pau que tava atravessado...eles ficaram em cima trepado e a água vazando...só tiramo os aluno com uma rabeta pra terra até a gente tirá o barco de cima do pau...ai depois embarcamo e fomo entregar as criança.*

Questionados acerca da importância do rio para o ribeirão, seu Nonato respondeu

*Olha....ele tem importância pra tudo né...da...da...sobrevivência né....pena que a cidade tá acabando com a gente né....o esgoto de Belém joga pra cá...por exemplo os peixe tão sumindo os camarão as coisa que a gente tinha aqui tão sumindo...por exemplo, o caramujo...que dava muito...isso ai foi uma coisa que sumiu....olhe pode reparar a gente já não usa mais a água pra beber....só mesmo pra tomar banho por enquanto só tem essa...se nos tivesse fonte pra tirar ...agente não tava tomando mais banho não...ainda mais as criança que não ...fico pulando abrindo a boca...tomando a água né....eu até falava pro pessoal que vieram da universidade até aqui no compadre Polaca eles ficaram conversando com nós ...se vocês ...fazer pesquisa...vocês tem de fazer uma pesquisa chamando os governante ...puro menos eles jogar a água 50 % mais limpa pra dentro do rio...a porque nós vivemo no rio tem só fatura de água mas...não tá ficando com qualidade não tem mais qualidade né...eu falava pra ela nós aqui não tamo mais usando pra beber essa água...mas vocês não...a caixa d'água é bem ali defronte né ....que puxa pro Una...inclusive a água esse ano que passou ...pra quem morava em Belém que usa água da torneira pra beber sente a diferença do salgado né...tá horrível...salgo...salgo...que estragou rabeta...barco até isso ai eles não entende.*

*Há trinta anos atrás...tava menos poluído a cidade de Belém...era menos canal jogando água...era menos esgoto o senhor tirava um açaí que quando amaçava o açaí cheirava né...dava aquele aroma...o senhor tava amassando o açaí aqui...e tava aquele aroma... a vizinhança sabia...hoje não tem mais nada disso...assa um charque não cheira mais...assa um peixe não cheira mais...tudo tá na indústria né...vem a poluição do ar ...vem a poluição do solo...*

Esses relatos, revelam a importância dos saberes adquiridos com a experiência diária passada de pai para filho.

Já com a professora e a coordenadora, foi questionado sobre a relação entre o saber local e a educação do campo por meio de um currículo que articule uma ação pedagógica voltada para a realidade das crianças, mesmo sob os desafios que emergem do trabalho docente em um ambiente para quem foi formado em um espaço acadêmico urbano.

É por meio desse diálogo que procuro estabelecer a relação entre a diversidade cultural amazônica e o modo de vida ribeirinho, buscado discutir um currículo que articule no contexto escolar os diversos saberes presentes nesses espaços.

A professora Ana Karina, nos relatou sobre sua experiência profissional com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental:

*Na verdade...é...fica difícil estabelecer essa relação...porque nós trabalhamos com a base do currículo nacional né...é...que já vem descrito...é...esse currículo, ele já vem organizado né! E o que a gente busca fazer, o que a gente tenta fazer é... deixar com que eles não percam os valores locais, as tradições culturais daquele ambiente e sempre colocando...é...em questão o resgate dessas tradições, por que o que a gente percebe é que as próprias crianças ribeirinhas elas vão pegando muito a contribuição do que o continente...do que nós professores que somos do continente levamos [...]*

Aqui, um currículo multiculturalista crítico pode ajudar as educadoras a explorarem as maneiras pelas quais alunas e alunos são diferencialmente sujeitados às inscrições ideológicas e aos discursos de desejo multiplamente organizados, por meio de uma política de significação.

*É...até porque hoje na rede municipal de Belém, a coordenação das ilhas...é...muito recente com essa proposta de se tornar educação do campo né, a...as ilhas de Belém, elas ainda são muito ligadas ao continente, as nossas formações, tudo que a gente leva pra escola, a gente traz daqui. Então, nós ficamos muito prendidos a todo ...nesse currículo que a gente tem aí e essa proposta inovadora né da SEMEC de querer transformar as ilhas em educação do campo que a gente sabe que vai atender a uma outra grade curricular, a gente que sabe que os materiais são diferenciados e as formações tem que ser diferentes. Ainda está muito distante...muito...muito distante. Só que...é...tendo motivação por parte desta coordenação que assumiu agora nas ilhas, a gente conseguiu assim, abrir um pouco os olhos pra tentar começar já...a ...de fato fazer um trabalho que é posto com o que está escrito de acordo como é que isso deve acontecer essa educação do campo...começou a partir de 2015...é muito recente.*

De acordo com o que nos relata a professora Ana Kárina, os saberes das comunidades ribeirinhas entram na organização escolar por meio das propostas

apresentadas e discutidas durante os encontros pedagógicos de professores, coordenadores, técnicos, pessoal de apoio, barqueiros que reconhecem a necessidade de estimular as crianças um sentimento de pertencimento e apoderamento de sua cultura. Desse modo, o PPP, vem contribuir nas ações de ordenação das atividades escolares:

O Projeto Político Pedagógico é o instrumento norteador de toda ação educativa que permeia o ambiente escolar. É caracterizado por ser o documento de identidade da escola, ou seja, o nosso norte orientador maior na instituição escolar.

No PPP da E.M.E.I.E.F. Milton Monte, que é a escola sede responsável pelas Up's existe uma proposta que contempla esses saberes de acordo com a legislação vigente:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/96), como lei que institui a organização e funcionamento da educação brasileira em seus diferentes níveis e modalidades de ensino. Destaca-se, o artigo 28 desta lei que trata da oferta de educação básica para a população rural propiciando as condições mínimas necessárias a oferta e implementação desta modalidade de educação. O presente artigo é ressaltado devido esta escola está inserida no contexto rural, mais especificamente em comunidade ribeirinha, sendo assim, valorizadas as formas de expressão da cultura e história das comunidades rurais ribeirinhas por meio das práticas pedagógicas constituídas neste Projeto Político-Pedagógico.

Outro dispositivo legal é as Diretrizes Operacionais das Escolas Básicas do Campo, tendo um conjunto de princípios e procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo conforme a Resolução CNE/CEB 1, De 3 De Abril De 2002.

Desse modo, compreendemos, por meio dessa manifestação oral do informante que segundo Maclarem,

O multiculturalismo crítico sugere que as educadoras e trabalhadoras culturais levantem a questão da “diferença” de maneira que não repitam o essencialismo monocultural dos “centrismos” – anglocentrismo, eurocentrismo, afrocentrismo, falocentrismo, androcentrismo, e assim por diante. Elas precisam construir uma política de consolidação de aliança, de sonharem juntos, de solidariedade que vai além da postura condescendente de, por exemplo, “semana da consciência das raças” que na realidade servem para manter formas de racismo institucionalizado intactas. Nós devemos lutar por uma solidariedade que não está centrada em torno de imperativos de mercado, mas sim que se desenvolve a partir de imperativos de liberdade, libertação, democracia e cidadania crítica. (MCLAREM, p. 131, 1997).



Sobre o trabalho da SEMEC, a coordenadora Ana Silvia Oliveira, especificou a função da DIED e COEC no âmbito administrativo:

*A DIED é a diretoria de Ensino, a qual faz a gestão de todas as ações ligadas ao pedagógico na secretaria. Na SEMEC a DIED se organiza com a Coordenação de Educação Infantil, Coordenação de Ensino Fundamental, Coordenação de Educação do Campo, Coordenação do Centro de Formação, Coordenação do Núcleo de Informática, Coordenação do SISMUBE e Coordenação de Educação Especial.*

*A DIED é a responsável por todas as ações que envolvem a questão educacional: Escolas, formação de professores, etc.*

*A COEC é responsável pelas escolas do campo, no caso as das ilhas Sul e Norte.*

*No organograma da SEMEC a DIED é subordinada à Secretária de Educação e a Diretoria Geral.*

Com a criação da COEC esperava-se que a educação do campo se efetivasse na SEMEC, mas de acordo com a Professora Ana Silvia, isso não ocorreu:

*Não, as equipes anteriores sempre foram denominadas de Escolas das Ilhas e não como Escolas de Campo, mas vinham num processo de amadurecimento dessa mudança. Criar a COEC é somente um passo, importante, é claro, para começar a dar identidade a equipe. A efetivação vai ser como passos seguintes, ações voltadas para a educação do campo, tais como: currículo específico para as escolas de campo, formação de professores voltada para o currículo do campo, etc.*

Qual a importância da COEC para articulação de um currículo (práticas educativas) que esteja alinhado com a educação do campo nas escolas das ilhas?

*Não diria que o papel de importância desse processo seria da COEC enquanto coordenação, mas da gestão por parte da COEC para sugestões, encaminhamentos da política para a educação do campo na SEMEC, ou seja, o papel de constante articulação. A COEC não tem como implementar todas as necessidades porque na SEMEC cada setor tem uma função, por exemplo: formação de professores, não é a COEC que faz, isso fica com centro de formação e NIED, que por sua vez trabalham com práticas gerais a todos os professores. Matriz curricular na SEMEC é única, não há diferença.*

Existe uma tensão entre a SEMEC e os barqueiros no que diz respeito ao horário das marés e o horário estabelecido pela escola na entrada e saída dos alunos?

*Existe, mas é importante pensarmos que a escola tem um modelo da cidade, em sua organização, em seus horários. A região por sua vez tem particularidades que não temos como mudar. A lei permite as alterações por exemplo para horários, mas estabelece 800 horas e 200 dias mínimos. Como o barqueiro trabalha com maré não tem como ter um padrão de chegada todos os dias, porque vai depender da maré. Mas também é necessária a articulação junto aos barqueiros para a necessidade das crianças estarem em seus respectivos horários na escola. Nas ilhas sul todas as rotas dos barcos foram mapeadas com uso do GPS, assim foi observado o tempo do transporte e também o embarque e desembarque. Pela lei do transporte escolar da SEMEC pode determinar pontos de embarque e desembarque, porém pelo acesso e disposição da casa dos ribeirinhos isso não é possível. Na maioria dos casos não tem como uma criança se deslocar para outro local que não seja a frente da sua casa.*

Nessa perspectiva, a educação do campo, de acordo com Caldart (2012), se identifica pelos sujeitos, com suas relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum [...] CALDART (2012, *apud* CARMO e PRAZERES, 2013, p. 197).

As populações ribeirinhas da Amazônia tem uma ligação intensa com as águas que banham suas comunidades, sejam elas praieiras ou à beira dos inúmeros rios existentes na região. O cotidiano dessas populações é determinado pelo vaivém das enchentes e vazantes das marés que regulam as condições de vida de homens e mulheres nas mais diferentes atividades. Como nos assegura Loureiro (2015):

*Sobre ele viaja o caboclo observando, estudando a natureza, conhecendo os sinais da chuva, da tempestade, do vento, da calma, dos dias e das noites. Guiando-se pelas marés, os homens têm, no regime de suas águas, os relógios reguladores da vida. (LOUREIRO, 2015, p. 136).*

## CAPÍTULO IV: ENTRE MARGENS

[...]Meio a meio o rio ri. Por entre as árvores da vida[...]

A Terceira Margem do Rio - Caetano Veloso.

### 4.1. O Rio

A importância do rio na vida dos ribeirinhos é realçada na obra de Eidorfe Moreira, por seu olhar sobre a Amazônia. Segundo Oliveira (2015), esse conjunto de ideias deu a esse advogado de formação e professor de geografia por vocação os instrumentos para pensar por múltiplas áreas do conhecimento dessa região e suas interligações sociais e econômicas de forma sensível e poética, o que lhe atribuiu o nome de “Filósofo da Geografia”.

Desse modo, a obra desse intelectual retrata de modo reflexivo a presença dos rios e sua importância para a dinâmica da região: “não podemos estudar a região, sob qualquer ponto de vista que seja, sem o prévio reconhecimento da importância do elemento líquido como base desse estudo ou consideração. É o rio, com efeito, que comanda e ritmiza a vida regional” (Moreira, 1960, p. 63 *apud* OLIVEIRA, 2015).

O rio, nas palavras de Eidorfe Moreira, recria de forma simples e poética um dos elementos da paisagem amazônica mais fascinante pela sua dimensão que integra as dezenas de ilhas que “reforçam o caráter conectivo, ao invés de isolante da água” (Guerra, 2015).

A presença da água provoca reflexões em sua obra que assume um estilo particularmente poético quando se refere às ilhas que compõem a paisagem urbana. Segundo o autor, Belém tem como elementos cênicos fundamentais: “O rio que se alarga e abre perspectivas: a floresta [que] se fecha e barra os horizontes; as ilhas [que] se alinham e formam guirlandas”. [...]Nesta perspectiva, as ilha integram-se ao território como enfeites que embelezam e emolduram a cidade, longe de serem elementos isolados desta composição. (Moreira, 1989, p. 57 *apud* GUERRA, 2015).

A distância entre Belém e as ilhas sul é de 12,2 Km e a travessia ocorre em média 40 minutos, dependendo da maré, uma vez que: O rio dita um ritmo próprio, cadenciado pelo fluxo das marés, na partida e chegada das embarcações (COZZI, 2013, p. 337). Por essa razão o conhecimento das marés nas áreas localizadas sobre sua influência é um constante desafio para a população ribeirinha que aprende desde cedo a observar nas fases lunares o seu movimento, programando suas atividades de

plântio, colheita, pesca e viagens de acordo com a influência astronômicas sobre as mesmas que alteram o ritmo da vida. Desse modo, Batista et al (2007) ao citar JOHANNES (1989), considera esse Conhecimento Ecológico Tradicional (CET) como o conhecimento adquirido por uma sociedade sobre o meio natural em que vive. Essa observação exige uma “leitura” minuciosa com base na experiência diária que permite aos ribeirinhos um olhar cuidadoso a partir da observação da dinâmica sazonal dos ambientes [...] associada à transmissão de informações no processo histórico de territorialização. (BATISTA et al.,2007).

#### 4.2. O rural e o urbano entrelaçados

Considerando Pojo (2011), Belém é um município amazônico de significativa área de cultura rural/ribeirinha. A este aspecto, soma-se à complexidade de ser uma metrópole. Possui em sua geografia o elemento mais substantivo de sua paisagem e de sua economia: o rio, que conforma a moldura cênica da sua dimensão insular. Como afirma Eidorfe Moreira (1989), a água é o elemento dinamizador da cidade.

Portanto, legitimamente, há um intercâmbio entre a cidade que se faz nas ilhas e nos assentamentos e a cidade urbana, respaldado, na maioria das vezes, pela relação econômica, ou seja, a “cidade ilha” abastece a cidade urbana com seus produtos e os moradores urbanos nem sempre tomam conhecimento deste fazer histórico-cultural, embora habitantes da mesma cidade. Nesses espaços, as margens se entrelaçam, como as tramas de raízes no barro da várzea, no qual: “Não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração” (FREIRE, 2015).

Considerando o processo educacional no Brasil, este se desdobra em duas dimensões: a educação tanto tem a função de socializar o conhecimento acumulado quanto à de despertar uma reflexão crítica acerca da realidade e das possibilidades de transformação na sociedade.

A primeira dimensão, diz respeito a uma nova proposta de paradigma educacional que emerge da compreensão sobre um dos graves problemas da educação, que segundo Moraes (1996, p. 3) decorre do modelo da ciência que prevalece num certo momento histórico e que influenciam as questões epistemológicas e as teorias de aprendizagem das quais derivam a mediação pedagógica e suas práticas correspondentes.

A segunda dimensão aponta para um modelo científico e educacional que explique nossa relação com a natureza, sem promover uma separação entre esta e o

ser humano. Isso demonstra a necessidade, emergencial, de se redescobrir nossa “multidimensionalidade”, despertando-nos para uma tomada de consciência que nos leve a perceber, segundo Moraes (1996), que “Ao mesmo tempo em que educação é influenciada pelo paradigma da ciência, aquela também o determina”.

Nesse contexto, é indiscutível o protagonismo dos movimentos sociais pela garantia da terra, da moradia, da saúde, da educação entre outros, uma vez que o fortalecimento dessa luta está na organização e no trabalho coletivo que os movimentos empreendem para que essas conquistas sejam efetivadas e ampliadas a outros seguimentos, proporcionando à sociedade civil a universalização de direitos.

Os Movimentos Sociais, os Conselhos de Educação, as Secretarias de Educação, os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais entre outros tem travado discussões para que se efetive uma modalidade educacional que contemple as diferentes populações em seus vários espaços, uma vez que todos tem interesse em terem seus saberes, tradições e atividades laborais respeitados por um currículo que procure se adequar a vida da população do campo, em particular das comunidades da região Amazônica, de acordo com os diferentes períodos climáticos que interferem diretamente na vida das pessoas que vivem em ambientes no qual predomina uma natureza exuberante que dita o ciclo dos acontecimentos. Diferente dos centros urbanos, nos quais o relógio orienta o ritmo de vida dos seus habitantes.

Desse modo, podemos romper com o paradigma tradicional, influenciado pelo pensamento Cartesiano e Newtoniano substituindo-o por uma nova possibilidade de compreensão da realidade, baseada em um novo paradigma, que como sabemos ainda está sob a influência do primeiro no que se refere à escola, ao professor e ao currículo, mas que se propõe a promover mudanças que nos possibilite um diálogo entre a ciência e os diferentes saberes das populações tradicionais em seu próprio ambiente. Como nos esclarece LITTLE (2003), *apud* Batista *et al* (2007, p. 126) “Esse território tem como base conceitual a cosmografia definida como saberes ambientais, ideologias e identidades coletivamente criadas e historicamente situadas, que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu território”. Essa reorganização em torno de uma educação que valorize o outro como detentor de um conjunto de experiências nos leva a concordar com Santos (2006, p. 154) quando afirma que “Não há nem conhecimentos puros, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos”. Por esse prisma, podemos “ler” o mundo de diversas maneiras e

reaprender por meio dessa “teia de muitos conhecimentos” a pensar melhor sobre o mundo no qual vivemos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No bojo dessas discussões, encontra-se a implementação de uma educação diferenciada do contexto urbano, que venha atender e priorizar um currículo que valorize os saberes e práticas educacionais do campo. Assim como cada cultura e cada sociedade têm características distintas, a educação também não se apresenta de forma homogênea. Desse modo, apropriamo-nos do conceito de educação, cuja origem latina *educere*, vai além do sentido de instrução, significando também desenvolvimento das potencialidades da formação do ser humano. Portanto, a educação é um fenômeno bastante complexo, que se desenvolve no processo que ocorre sobre influência da família, dos grupos sociais, da cultura e de diferentes instituições, atribuindo à ação educativa uma perspectiva interdisciplinar, essencial à existência humana tanto no âmbito histórico-social, como na produção do saber, uma vez que, como afirma Severino “o modo de existir humano não pode prescindir da contínua e sempre crescente contribuição do conhecimento” (SEVERINO, 1995, p. 161).

Por outro lado, podem ocorrer diversas educações, mas a escola cumpre um papel específico no processo educativo, pois é orientada por programas e estruturas formais do velho paradigma. Sobre esse aspecto, é necessário ressaltar a importância do Movimento Social dos Trabalhadores Rurais – MST, por ser o protagonista das reivindicações da luta pela terra, através de uma política de Reforma Agrária que dê garantias de bem estar no ambiente em que vivem, contribuindo significativamente para a ampliação do debate e a abertura de precedentes legais para que outros segmentos sociais, como indígenas, assentados, quilombolas, ribeirinhos etc. também possam ter garantidos os direitos constitucionais de acesso à educação e outras políticas públicas no seu local de vivência. Segundo Abreu (2013), referenciado pelo que estabelece a RESOLUÇÃO 1/2002, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação – CEB/CNE: “As propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade e cumprindo imediata e plenamente o estabelecido nos artigos: 23; 26 e 28 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Nº 9394/1996 [...]” (ABREU et al , 2013, p. 120). Além disso, cabe destacar que: “[...] os incisos I, II e III do artigo 28 reforçam a especificidade da Educação Básica do Campo ao recomendar que as propostas pedagógicas dessas escolas contemplem as necessidades e interesses dos

estudantes do campo, considerem o calendário da produção agrícola bem como a natureza do trabalho no campo. [...]” (MEC, 2013, p. 278). Nessa perspectiva, a legislação garante que:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002).

Embora, há de se atentar que a legislação não garante por si só o direito do cidadão, é necessário uma constante vigilância para garantir uma educação pública e de qualidade para as crianças da Educação Infantil, pois se essas estão sendo atendidas nas turmas do Ensino Fundamental, é de se entender que a sala e os equipamentos não estão adequados para elas e nem tem como acessar as adequações necessárias. E conclui que “essas crianças estão invisíveis para os Sistemas de Ensino. (SANTOS, 2014, p. 128-129).

Desse modo, os Movimentos Sociais, os Sindicatos dos Trabalhadores em Educação entre outros tem travado discussões com os Conselhos de Educação, as Secretarias de Educação para que se efetive uma modalidade educacional que contemple as diferentes comunidades em seus vários territórios, uma vez que todos tem interesse em terem seus saberes, tradições e atividades laborais respeitados por um currículo que procure se adequar a vida do sujeito do campo, de acordo com as particularidades regionais de cada estado, consoantes com os diferentes períodos climáticos que interferem diretamente na vida das pessoas que vivem em ambientes no qual predomina uma natureza exuberante, cujo ciclo dos fenômenos naturais regula a vida das populações, no nosso caso, amazônidas, considerando que essas são detentoras de saber, já que possuem, segundo Geertz,

[...] um profundo conhecimento prático dos aspectos da natureza que se relaciona com seu bem-estar. É bem verdade que este saber é empírico e incompleto, e que não é transmitido através de qualquer ensino sistemático e sim passado de uma geração a outra, de uma forma lenta e casual, durante a infância e nos primeiros anos da maturidade. Mesmo assim, este conhecimento é suficiente para a execução de tarefas diárias e empreendimentos sazonais. (GEERTZ, 2001, p. 121).



Essa peculiaridade do conhecimento sobre a natureza, que vamos encontrar no bem estar dos povos tradicionais, se difere dos centros urbanos, nos quais o relógio é o “grande ditador” do ritmo de vida dos seus habitantes.

Nesse contexto, é indiscutível o protagonismo dos movimentos sociais pela garantia da terra, da moradia, da saúde, da educação entre outros, uma vez que o fortalecimento dessa luta está na organização e no trabalho coletivo que os movimentos empreendem para que essas conquistas sejam efetivadas e ampliadas a outros seguimentos, proporcionando à sociedade civil a universalização de direitos.

A escola do futuro deve primar por uma dimensão transformadora, sendo esse um paradigma desafiador, uma vez que essa passa a ter um papel ativo na formação dos aprendentes, cabendo a ela realizar e mediar um projeto de sociedade mais justa; que busque trabalhar pela democratização do saber; partir dos condicionantes históricos sociais dos indivíduos envolvidos no processo educacional; atingir objetivos sociopolíticos; criticar o sistema socioeconômico vigente e propor mudanças.

Acreditamos que esse é um dos principais desafios do novo paradigma educacional emergente, ou seja, nos libertarmos de uma educação do século XIX, com professores formados no século XX, mas com alunos conectados com o século XXI, como nos alerta Brandão: “Mais do que em épocas anteriores, nesta época de nosso tempo, pensada como a ‘era do conhecimento’ ou a ‘era da consciência’, o lugar da educação é tão nuclear e crucial quanto o da ciência” (BRANDÃO, 2003, p. 20). E ressalta sobre a importância dos múltiplos saberes: “Que aquilo que damos o nome de “senso comum” ou mesmo de “pensamento selvagem”, configura alternativas de fazer pergunta e criar sistemas de buscar respostas” (BRANDÃO, 2003, p. 13).

Vemos nesse novo modelo de educação a possibilidade de entrecruzar saberes de modo a enriquecer o conhecimento humano, para que cada vez mais tenhamos uma amplitude da nossa capacidade intelectual de compreensão da realidade na qual vivemos. Esse percurso que teve início no continente africano se estendeu ao ocidente com os gregos e por meio de constantes trocas se misturou com o oriente formando um mosaico de diferentes culturas, constituindo-se no patrimônio universal da humanidade.

A escola é o espaço de muitas descobertas bem como de promoção das transformações coletivas e individuais, embora também possa servir para sustentar e reproduzir as relações injustas que ocorrem na sociedade capitalista. Não nos esqueçamos de que em torno da escola, convivem sujeitos com diferentes visões de

mundo, é esse convívio que faz dela uma instituição complexa e contraditória. Mas acreditamos que é na tensão de contrários que se deve fomentar a conquista de ferramentas para a construção da cidadania plena por meio da educação, do voto e da participação nos movimentos sociais que lutam pela garantia de direitos e pelo princípio ético do bem universal. Princípio este que está no respeito ao Outro e na apropriação de diferentes saberes que estão sendo debatidos no âmbito acadêmico, no campo, nas escolas por pessoas interessadas em promover mudanças de comportamento frente ao conhecimento já produzido e que se tornou insuficiente para minimizar o caos social no qual nos encontramos.

Urge buscarmos um paradigma que entrecruze saberes como nos mostra as contribuições da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2015) e a Ecologia de Saberes de Boaventura de Sousa Santos (2006) que nos conduza a busca de um conhecimento genuinamente latino americano, descolonizado de uma ciência eurocêntrica e que esteja de acordo com a realidade, da nossa cultura, do nosso povo.

Com base nesse arcabouço teórico, referenciado por esses e outros autores, poderemos desenvolver uma educação com o compromisso de formar cidadãos críticos e reflexivos de sua ação, tendo no respeito e no diálogo a efetivação do princípio universal da dignidade humana, como nos assegura Maclarem (1997), seguida por tentativas de mudança dramática das condições materiais que permitem que as relações de dominação prevaleçam sobre as relações de igualdade e justiça social.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Martin Claret, 2015.

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS – ANA. Quantidade de Água. <http://www3.ana.gov.br/portal/ANA/panorama-das-aguas/quantidade-da-agua>. Acesso em 11/07/2017.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de, Etnografia da Prática Escolar. São Paulo: Papyrus, 2005. <https://bloglinguagenseeducacao.files.wordpress.com/2014/10/etnografia-da-pratica-escolar-marli-eliza-d-a-de-andre.pdf>. Acesso em 22/06/2017.

ARAUJO, Claisy Maria Marinho. A Escola como espaço de transformações sociais e individuais. Curso de Prevenção do uso de drogas para Educadores de Escolas Públicas. Brasília: MEC, 2014.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, Éclea. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1985 <http://www.febac.edu.br/site/images/biblioteca/livros/O%20Que%20e%20Educa%20-%20Carlos%20Rodrigues%20Brandao.pdf>. Acesso em 23/06/2017.

\_\_\_\_\_, Carlos Rodrigues. A educação como Cultura. SP: Mercado das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_, A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

CASTRO, Edna. Belém de águas e ilhas. Belém: CEJUP, 2006.

COZZI, Andréa Lima de Souza. Tessituras poéticas: educação, memória em saberes e narrativas da Ilha grande/Belém-PA. UEPA, Belém, 2015.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GONDIM, Neide. A Invenção da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2007.

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. Eidorfe Moreira e o aspecto insular de Belém. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. vol.10 no.3 Belém Oct./Dec. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/198181222015000300004>. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-81222015000300583&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222015000300583&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 21/05/2017.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Água da Fonte. São Paulo: Escrituras, 2008.

MACLAREM, Peter. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez, 1997.

NASCENTES, Antenor. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1988.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sócias cotidianas de alfabetizandos amazônidas. 2. Ed. Belém: Eduepa, 2008.

\_\_\_\_\_. Cultura e interculturalidade na educação popular de Paulo Freire *EccoS – Rev. Cient.*, São Paulo, n. 25, p. 109-124, jan./jun. 2011 Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71521708007>. Acesso em 16/06/2017.

\_\_\_\_\_. Saberes, representações e imaginários na construção do saber-fazer educativo de professores da educação especial. São Paulo: PUC, 2002. (Tese de Doutorado).

OLIVEIRA, Antonio Júnior. Amazônia: paisagem e região na obra de Eidorfe Moreira. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. vol.10 no.3 Belém Oct./Dec. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/198181222015000300003>. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-81222015000300569&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222015000300569&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 21/05/2017.

PANDOLFO, Clara. Os recursos naturais da Amazônia In Estudos e Problemas Amazônicos: história social e econômica e temas especiais. Belém: Instituto do Desenvolvimento Econômico Social do Pará, 1989, p. 83.

POJO, Eliana Campos. (Organizadora) Educação nas ilhas de Belém: Travessias e desafios curriculares por entre culturas e aprendizagens. Belém: FUNBOSQUE, 2011.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO da EMEIF Milton Monte – Educação do Campo. Ilha do Cambu, Belém - PA, 2017.

RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas et al (Org.). Educação e Cultura: conexões teóricas, práticas e reflexivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Jenijunio dos. Populações ribeirinhas e educação do campo: análise das diretrizes educacionais do município de Belém-PA, no período de 2005-2012. Belém: PPGED/ICED/UFPA, 2014. <[http://www.ppged.com.br/bv/arquivos/File/m14\\_jeni.pdf](http://www.ppged.com.br/bv/arquivos/File/m14_jeni.pdf). Acesso em, 14/09/2017.

TOCANTINS, Leandro. O Rio Comanda a vida. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1972.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

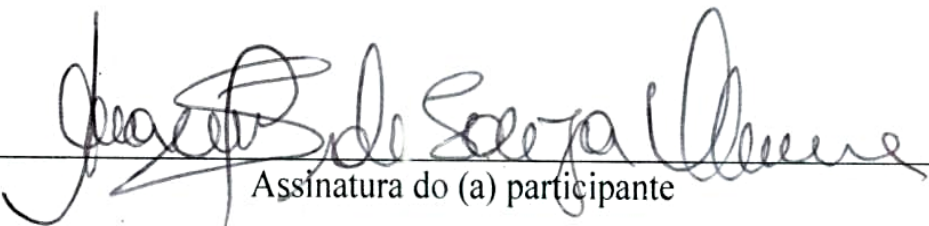
## **ANEXOS**

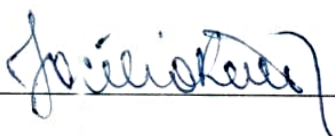
## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulada **A DINÂMICA DAS MARÉS E SUA INFLUÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA DO CAMPO: Considerações sobre a organização escolar na UP São José, na Ilha Grande-Belém**, desenvolvida por Jocélio Jorge Mácola Rente e orientada por Georgina Negrão Kalife Cordeiro a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (91) 9111-2398 / (91) 3279-6954 ou e-mail [gnkalife@yahoo.com.br](mailto:gnkalife@yahoo.com.br).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo e estou ciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos a ética e rigor acadêmico. Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o pesquisador responsável ou sua orientadora.

BELEM, 4 de Junho de 2016.

  
 Assinatura do (a) participante

  
 Assinatura do (a) pesquisador (a)

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulada **A DINÂMICA DAS MARÉS E SUA INFLUÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA DO CAMPO: Considerações sobre a organização escolar na UP São José, na Ilha Grande-Belém**, desenvolvida por Jocélio Jorge Mácola Rente e orientada por Georgina Negrão Kalife Cordeiro a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (91) 9111-2398 / (91) 3279-6954 ou e-mail [grkalife@yahoo.com.br](mailto:grkalife@yahoo.com.br).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo e estou ciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos a ética e rigor acadêmico. Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o pesquisador responsável ou sua orientadora.

ILHA GRANDE, 24 de JUNHO de 2016.

Raimundo Nomato Machado Terimade

Assinatura do (a) participante

Jocélio Jorge Mácola Rente

Assinatura do (a) pesquisador (a)



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulada **A DINÂMICA DAS MARÉS E SUA INFLUÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA DO CAMPO: Considerações sobre a organização escolar na UP São José, na Ilha Grande-Belém**, desenvolvida por Jocélio Jorge Mácola Rente e orientada por Georgina Negrão Kalife Cordeiro a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (91) 9111-2398 / (91) 3279-6954 ou e-mail [gnkalife@yahoo.com.br](mailto:gnkalife@yahoo.com.br).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo e estou ciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos a ética e rigor acadêmico. Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o pesquisador responsável ou sua orientadora.

ILHA GRANDE, 24 de JUNHO de 2016.

Ana Karina Corrêz Dias

Assinatura do (a) participante

Jocélio Jorge Mácola Rente

Assinatura do (a) pesquisador (a)

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) para colaborar com a pesquisa intitulada **A DINÂMICA DAS MARÉS E SUA INFLUÊNCIA NO COTIDIANO DA ESCOLA DO CAMPO: Considerações sobre a organização escolar na UP São José, na Ilha Grande-Belém**, desenvolvida por Jocélio Jorge Mácola Rente e orientada por Georgina Negrão Kalife Cordeiro a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº (91) 9111-2398 / (91) 3279-6954 ou e-mail gkalife@yahoo.com.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo e estou ciente que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos a ética e rigor acadêmico. Minha colaboração se fará por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar o pesquisador responsável ou sua orientadora.

PORTO DA PALHA - BELÉM 25 de JUNHO de 2016.

MARCELO TIAMAR CARDOSO MARQUES

Assinatura do (a) participante

Jocélio Jorge Mácola Rente

Assinatura do (a) pesquisador (a)